

BIBLIOTECA

**MILITAR CRISTÃO**

MANUAL DE APOIO

**PARTE 1 – CAPÍTULOS 1 A 5**

**VIDA NOVA COM JESUS:  
A FÉ DO MILITAR  
CURSO AVANÇADO**

1ª Edição  
2014



BIBLIOTECA

**MILITAR CRISTÃO**

MANUAL DE APOIO

**PARTE 1 – CAPÍTULOS 1 A 5**

Número: \_\_\_\_\_ Posto/Graduação: \_\_\_\_\_

Nome de Guerra: \_\_\_\_\_

Unidade/OM: \_\_\_\_\_

**VIDA NOVA COM JESUS:  
A FÉ DO MILITAR  
CURSO AVANÇADO**

Duração: 36 estudos, distribuídos em 10 capítulos

Organização  
Cleber Olympio

1ª Edição  
2014



**Este é um  
MANUAL “ALFA”  
Destinado ao fornecimento de suporte específico às uniões  
militares evangélicas e pessoalmente ao cristão militar.**

### PORTARIA Nº 57, DE 3 DE MARÇO DE 2014.

*Aprova a inclusão do Manual de Apoio A-5, 1ª Edição, 2014,  
como integrante da Biblioteca Militar Cristão.*

#### **O administrador do sítio “Militar Cristão”:**

Em cumprimento ao disposto no inciso III do art. 3º da Norma Geral Administrativa nº 9, de 2013, faço saber aos interessados o seguinte:

**Art. 1º.** Aprova-se, com esta portaria, a inclusão do Manual de Apoio A-5, intitulado “**Vida Nova com Jesus: A Fé do Militar – Curso Avançado**”, 1ª Edição (2014), como integrante da Biblioteca Militar Cristão, disponibilizando-se o mesmo, a partir da presente data, na subseção “Download – Documentos” para franquear seu acesso aos usuários do sítio.

**Art. 2º.** Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 3 de março de 2014.

CLEBER OLYMPIO

Administrador - Sítio Militar Cristão

(Publicado em 03/03/2014 no hipertexto <<http://www.militarcristao.com.br/redirect.php?id=790>>).

**Orientações sobre o planejamento deste Curso Avançado:  
consulte o Manual de Apoio A-7.**

**ÍNDICE DOS ASSUNTOS****1ª Parte – Manual A-5**

	<b>Pág.</b>
<b>INSTRUÇÃO PRELIMINAR</b>	<b>IV</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O CONHECIMENTO DE DEUS</b>	<b>1-1</b>
ARTIGO I – EXISTÊNCIA DE DEUS	1-1
ARTIGO II – NATUREZA E REVELAÇÃO DE DEUS	1-4
ARTIGO III – CARÁTER DE DEUS	1-5
ARTIGO IV – TRIUNDADE DE DEUS	1-10
ARTIGO V – ATIVIDADES COMPLEMENTARES	1-11
<b>CAPÍTULO 2 – O CONHECIMENTO DE JESUS CRISTO E DO ESPÍRITO SANTO</b>	<b>2-1</b>
ARTIGO I – NATUREZA DE CRISTO	2-1
ARTIGO II – ENCARNAÇÃO DE CRISTO	2-4
ARTIGO III – OFÍCIOS DE CRISTO	2-5
ARTIGO IV – NATUREZA E OBRA DO ESPÍRITO SANTO	2-6
ARTIGO V – ATIVIDADES COMPLEMENTARES	2-9
<b>CAPÍTULO 3 – O CONHECIMENTO DA PALAVRA REVELADA</b>	<b>3-1</b>
ARTIGO I – A BÍBLIA COMO PONTO DE PARTIDA DA REVELAÇÃO	3-1
ARTIGO II – FORMAÇÃO DAS ESCRITURAS	3-2
ARTIGO III – FUNDAMENTAÇÃO DAS ESCRITURAS	3-6
ARTIGO IV – CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DAS ESCRITURAS	3-11
ARTIGO V – ATIVIDADES COMPLEMENTARES	3-13
<b>CAPÍTULO 4 – O CONHECIMENTO DA CRIAÇÃO</b>	<b>4-1</b>
ARTIGO I – A PROVIDÊNCIA DIVINA	4-1
ARTIGO II – A CRIAÇÃO DAS COISAS VISÍVEIS	4-4
ARTIGO III – A CRIAÇÃO DAS COISAS INVISÍVEIS	4-9
ARTIGO IV – A CRIAÇÃO DO HOMEM	4-12
ARTIGO V – ATIVIDADES COMPLEMENTARES	4-15
<b>CAPÍTULO 5 – O CONHECIMENTO DOS DECRETOS E ALIANÇAS DE DEUS E DA QUEDA E REGENERAÇÃO DO HOMEM</b>	<b>5-1</b>
ARTIGO I – DECRETOS DE DEUS	5-1
ARTIGO II – ALIANÇAS DE DEUS	5-5
ARTIGO III – QUEDA DO HOMEM	5-7
ARTIGO IV – REGENERAÇÃO E REDENÇÃO DO HOMEM, EXPIAÇÃO E RESSURREIÇÃO DE CRISTO	5-15
ARTIGO V – ATIVIDADES COMPLEMENTARES	5-17

## INSTRUÇÃO PRELIMINAR

O presente curso de instrução avançada na fé cristã tem por finalidade esclarecer pontos importantes acerca da carreira com Jesus, já examinados por quem detém aptidão suficiente para entender, viver na prática e passar os ensinamentos básicos da fé cristã. É desejável que o instruído já tenha sido submetido à instrução básica, conforme programa desenvolvido pelos Manuais de Apoio A-1 e A-2.

Composto pelos Manuais de Apoio A-5 (1ª Parte – Capítulos 1 a 5), A-6 (2ª Parte – Capítulos 6 a 10) e A-7 (Suplemento Didático), este curso foi concebido como instrução individual de natureza indutiva, embora ele possa ser ministrado em grupos pequenos, no contexto da união militar evangélica. Cada Capítulo é composto de 4 Artigos, mais aquele destinado às Atividades Complementares, no total de 36 estudos.

Outras recomendações se fazem necessárias:

(a) Assim que tiver em mãos este Manual, leia atentamente o Artigo proposto, acompanhando, em seguida, as “Passagens bíblicas para estudo” correspondentes e constantes de tabela nas Atividades Complementares presentes no final de cada Capítulo.

(b) Consulte o Anexo I ao Manual A-7 (Suplemento Didático) para compreender a forma pela qual as passagens bíblicas são anotadas.

(c) É de sua responsabilidade executar a tarefa de “Leitura bíblica obrigatória”, marcando com uma *gaivota* (✓) no campo do quadro correspondente ao trecho bíblico recomendado, na Tabela do Anexo II ao Manual A-7 (Suplemento Didático) quando concluída. Fique atento aos *bizus* contidos em cada Capítulo. Não é necessária a leitura de todo o livro bíblico sugerido, ou de passagens além das recomendadas. Ao final desse programa, você terá lido a Bíblia inteira em um ano.

(d) Ao encerrar um *capítulo inteiro* (a cada 4 artigos, portanto), realize a tarefa do “Estudo Indutivo”, tendo-a completamente resolvida antes de passar à próxima etapa. As questões são autoexplicativas, dispensando gabarito. Há, também, um Exercício de Instrução Prática (EIP) no Manual A-7, a ser feito na conclusão do Curso.

(e) Não é necessário o estudo prévio dos tópicos posteriores.

(f) Em caso de dúvidas sobre os assuntos tratados, bem como outros relevantes para seu caminho com Jesus, procure por algum irmão de confiança, no contexto da própria união militar evangélica.

Que Deus te abençoe. Aproveite a oportunidade.

**“PREPARAR PARA PROGREDIR E FAZER PROGREDIR!”**

*O Editor*

## CAPÍTULO 1

### O CONHECIMENTO DE DEUS

ASSUNTO	FINALIDADE
Examinar a posição cristã, única verdadeira, sobre a concepção de Deus, tal como revelada.	Conhecer a natureza de Deus, refletir sobre seus atributos, discernir sobre quem é o Criador de céus e terra e glorificá-lo por sua majestade.

## ARTIGO I

### EXISTÊNCIA DE DEUS

#### 1-1. CONCEPÇÕES

##### 1-1-1. ARGUMENTOS PRINCIPAIS

“Deus existe?” Essa é uma pergunta que persegue a humanidade, nos mais diversos credos e religiões existentes.

É perfeitamente natural e esperado que o homem, ao procurar olhar para fora de si mesmo, perceba-se como parte integrante de um sistema. Pelo que lhe é permitido conhecer a respeito do que lhe rodeia, apreendendo através de seus sentidos mais elementares – visão, tato, audição, olfato, paladar – há uma relação necessária entre Criador e criatura. Essa relação possui natureza transcendental, pois ultrapassa os limites do mundo visível, e independe de manifestações sensoriais, pois a criatura não precisa “ver, tocar, sentir” um Criador para saber que ele existe.

Dessa forma, os argumentos de ordem *intuitiva* – com validade subjetiva –, e *natural* – com validade objetiva – tendem a responder afirmativamente à questão proposta.

### 1-1-2. OUTROS ARGUMENTOS

A filosofia, a ética e a lógica propõem diversos outros argumentos para buscarem uma resposta ao questionamento levantado desde o início. Os principais estão na tabela a seguir.

ARGUMENTO	TESE	INFERÊNCIA	CONCLUSÃO
Ontológico	Deus é perfeito.	Ora, a perfeição existe.	Logo, Deus existe.
Antropológico	Há uma causa moral que permeia os relacionamentos e consciência humanos.	Ora, há um autor dessa causa moral, revestido de autoridade para dizer o certo e errado.	
Teleológico	O Universo clama uma ordem, um propósito, uma finalidade.	Ora, há um autor dessa ordem universal.	
Cosmológico	Tudo no Universo tem uma origem (causa).	Ora, alguém é a causa do Universo, tendo originado tudo o que há.	
Moral	O homem tem noção de certo e errado, de justo e injusto.	Ora, há uma fonte para determinar o certo e errado, o justo e injusto.	
Congruente	Um postulado é tido por verdade.	Ora, a existência de Deus é a melhor forma para explicar a natureza, o homem e as leis universais.	

Outros argumentos poderiam ser relatados; todavia, eles têm, em sua maioria, origem falaciosa, como o caso do “argumento da experiência”



(Curas existem – ora, Deus cura – logo, Deus existe) e o “argumento da autoridade” (Existem líderes na humanidade – ora, só pode haver um líder supremo – logo, Deus existe). Eles são bastante explorados pelo ateísmo e o agnosticismo, ambos comentados a seguir.

## 1-2. POSIÇÕES TEÍSTA E MONOTEÍSTA

A posição cristã para demonstrar a existência de Deus é dada pelo *teísmo*. Do grego *θεός* (= *Théos*, Deus), o teísmo admite a existência de um Ser Supremo, transcendental, infinito, Criador e causa primária de tudo o que há no Universo. O teísmo implica, ainda, no aspecto relacional existente entre Criador e criatura, que se deixa conhecer à criatura a quem Ele deseja se revelar e nos limites que Ele mesmo impõe a essa revelação, vistos no próximo artigo. No caso cristão há, ainda, o *monoteísmo* atrelado ao teísmo, o que implica na existência de um único Deus. Afirmar, portanto, que Deus existe, é negar que todos os outros existam.

## 1-3. POSIÇÕES CONTRÁRIAS

### 1-3-1. OBJEÇÕES AO TEÍSMO CRISTÃO

As principais objeções ao teísmo cristão são as seguintes:

**(a) Ateísmo:** é a posição que defende a não crença ou a rejeição da existência de qualquer divindade.

**(b) Agnosticismo:** é a posição que admite a impossibilidade de se conhecer ou desconhecer a existência ou inexistência de qualquer divindade, sendo o agnóstico alguém, portanto, ateuista ou teísta.

**(c) Deísmo:** é a posição que defende dentro da denominada “filosofia deísta” a existência do Arquiteto do Universo como causa primária, conhecida a partir do uso da razão, do livre pensamento e da experiência individual, negando que essa divindade se revele ou mesmo se relacione com o homem.

**(d) Teísmo agnóstico:** é a posição que admite a existência de uma ou mais divindades, mas que não pode ser conhecida ou determinada.

**(e) Teísmo aberto:** é a posição que nega atributos essenciais da divindade num contexto de relação com o ser humano, sendo esta um ser que se limitaria em seu poder de definir o futuro e suas circunstâncias inerentes.

### 1-3-2. OBJEÇÕES AO MONOTEÍSMO CRISTÃO

As principais objeções ao monoteísmo cristão são as seguintes:

**(a) Politeísmo:** é a posição que admite a existência de vários deuses, ainda que não coincidam em atributos e poder entre si.

(b) **Panteísmo**: é a posição que defende que “Deus está em tudo e tudo é Deus”, em coincidência perfeita e absoluta.

(c) **Pantiteísmo**: é a posição que defende que o Universo está na divindade, mas a divindade é maior que o Universo.

(d) **Pandeísmo**: é a posição que se aproxima do deísmo e do panteísmo, defendendo a existência de uma divindade, conhecida apenas pela razão, que criou o Universo e, ao mesmo tempo, é o próprio Universo.

(e) **Henoteísmo**: é a posição que defende a crença num único deus, admitindo, porém, a existência de outros deuses ou entidades com poderes divinos.

(f) **Dualismo**: é a posição que defende a existência de duas forças, substâncias ou realidades opostas que regem o Universo, porém iguais em poder.

(g) **Materialismo**: é a posição que defende a vida própria da matéria, sem que ela esteja atrelada a um Deus ou entidade, e que todo fenômeno, seja ele físico, químico, mental ou mesmo vital, depende das funções da matéria. O **positivismo** de Comte é essencialmente materialista.

## ARTIGO II

### NATUREZA E REVELAÇÃO DE DEUS

#### 1-4. ESSÊNCIA DA NATUREZA DIVINA

Conforme a concepção teísta e monoteísta ensinada pelo cristianismo, Deus é um Ser pessoal de natureza espiritual, não uma substância ou “força ativa”: Criador dos céus e da terra, Deus não se limita a um corpo físico, tampouco ao eixo espaço e tempo, posto que ambos são criação sua, daí ele ser infinito. Outro aspecto essencial de Deus é a perfeição: nele nada se muda, nem se acrescenta. Ademais, como ele é completamente diferente de sua criação, ele é um Ser único, digno de toda exaltação por conta de seu poder e majestade.

#### 1-5. REVELAÇÃO DA NATUREZA DIVINA

Deus continuaria a ser Deus, ainda que ele não se permitisse ser conhecido. O fato de ele se revelar à humanidade depende essencialmente de sua vontade soberana. O conhecimento de Deus, entretanto, é limitado, por conta da própria essência natural divina e das limitações humanas, dentre elas a finitude e o pecado.

Ao longo da História e das gerações, Deus se revelou de diversas maneiras. Além dos aspectos filosóficos já relatados no item 1-1, a revelação divina ocorre em especial relevo pelas Escrituras Sagradas, a *Bíblia*, sobre a

qual falaremos adiante. Nela se manifesta a excelência da revelação, superior e abrangente a quaisquer outras. Em suas páginas são registradas as *teofanias*, que são as aparições esporádicas, de duração limitada e que cumprem alguma finalidade específica, como as do “Anjo do Senhor”, o fogo e a nuvem no deserto do Êxodo, e a fumaça que preencheu o primeiro Templo de Israel em sua consagração. Além dessas, os *milagres*, *sonhos* e *visões* também são formas escolhidas por Deus para se revelar em ocasiões específicas, sendo que nenhuma delas, entretanto, permanece validamente conflitante com qualquer porção da Escritura Sagrada.

## ARTIGO III

### CARÁTER DE DEUS

#### 1-6. GENERALIDADES

O conhecimento do caráter de Deus depreende perceber os aspectos pelos quais ele se revela ao homem e lhe faz partícipe, ou não, de um ou mais de seus atributos.

#### 1-6-1. OS NOMES DE DEUS COMO REVELAÇÃO DE SEU CARÁTER

No contexto bíblico, o nome estava indissociavelmente ligado ao caráter de alguém. Os diversos “nomes de Deus”, revelados na Bíblia, são demonstrações de seu caráter. Por exemplo, ofender o nome de Deus, tomando-o em vão, é uma grave transgressão contra ele, pois atinge diretamente seu caráter. O Senhor é revelado na Bíblia como El (Deus) ou Elohim (Deus dos deuses); o tetragrama YHWH (יהוה ou יהוה?)<sup>1</sup> é quem designa o nome de Deus revelado a Moisés no episódio da sarça ardente, posteriormente identificado pelas transliterações *Yahweh*, *Javé*, *Yehowah* ou *Jeová*. “EU SOU” indica *soberania*, *autossuficiência* e *imutabilidade*.

Conforme o relato bíblico, os principais nomes de Deus são os seguintes:

- (a) **Adonai**: Senhor, dono, provedor (grego Κύριος = *Kýrios*);
- (b) **El Olam**: Poderoso eterno;
- (c) **El Roi**: Poderoso que vê;
- (d) **Jeová Eliom (El Eliom)**: O Senhor Altíssimo;
- (e) **Jeová Jireh**: O Senhor proverá;
- (f) **Jeová Mikadiskim**: O Senhor que santifica;
- (g) **Jeová Nissi**: O Senhor é a nossa bandeira;
- (h) **Jeová Raa**: O Senhor que guarda;

<sup>1</sup> Ambas as variantes se justificam porque o nome de Deus não é pronunciado pelos judeus: daí o seu primeiro registro aparecer sem as vogais.

- (i) **Jeová Rafah:** O Senhor que sara;
- (j) **Jeová Shabaoth:** O Senhor dos Exércitos;
- (k) **Jeová Shalom:** O Senhor é a nossa paz;
- (l) **Jeová Shamah:** O Senhor está presente;
- (m) **Jeová Tsidekenu:** O Senhor é a nossa justiça.

Todos esses nomes, entretanto, são apenas aspectos do caráter de Deus, sem, contudo, revelá-lo completamente.

## 1-6-2. OBJEÇÃO AOS NOMES REVELADOS

A principal objeção aos nomes revelados, principalmente quanto à sua pronúncia, está a cargo da seita **Adeptos do Nome Yehoshua e suas Variantes**. De base unicista – isto é, que nega a Santíssima Trindade – a seita alega que o sinal eterno de Deus é o *nome Yehoshua* e que o nome Jesus, além de ter sido conferido pelos romanos, seria um dos “sinais da besta” do Apocalipse. Construindo um evangelho que não é o Evangelho, esses sectários afirmam que a condição para ser salvo é a de receber esse “nome revelado”.

Conforme já demonstramos, tentar construir doutrina sobre o nome de Deus, ou mesmo sobre a correta pronúncia de seu Nome, constitui um erro significativo à formação da vida cristã e, por isso, esse comportamento deve ser evitado.

## 1-6-3. METÁFORAS DESCRITIVAS DO CARÁTER DE DEUS

A experiência humana, na tentativa de descrever o caráter de Deus, compara-o a criaturas animadas (águia, galinha, cordeiro) e criaturas inanimadas (sol, fogo, rocha, estrela da manhã), além de títulos (noivo, homem de guerra, juiz, pastor, médico). O mesmo se faz para descrever atividades de Deus, como se ele, espírito, tivesse partes de um corpo humano: assim, por metáfora, o homem diz sobre o “olho de Deus”, a “mão de Deus”, a “boca de Deus”, e assim por diante.

Com isso, nota-se, mais uma vez, que a própria criação revela algo do caráter de Deus, e precisamente com essa finalidade é que o universo foi criado.

## 1-7. ATRIBUTOS DE DEUS

### 1-7-1. ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS

Os atributos incommunicáveis de Deus são aqueles que ele não compartilha com o homem ou com qualquer outra criatura, ainda que a criação sinta seus efeitos. Conforme se depreende da Bíblia, são atributos incommunicáveis de Deus:

(a) **Soberania:** Deus é soberano sobre todo o Universo, não compartilhando desse atributo com quaisquer de suas criaturas, nem ao menos em parte, ainda que ele delegue poder a determinadas criaturas para cumprir com os desígnios que ele mesmo estabeleceu por seu próprio conselho e sabedoria.

(b) **Imutabilidade:** Deus é imutável no seu ser, fiel nas suas promessas e propósitos, ainda que Deus reaja às diversas situações, nela realizando a boa finalidade originalmente desejada ou mesmo demonstrando que sua impassibilidade não é absoluta.

(c) **Independência:** Deus não precisa da sua criação para nada, por ser autossuficiente, ainda que a criação possa lhe dar o devido louvor e fazê-lo se alegrar.

(d) **Infinidade, ou Imensurabilidade:** Deus é eterno, infinito, transcendente, não pode ser medido ou dimensionado, nem no tempo e nem no espaço, conservando sua pessoalidade dentro de uma essência que, em última análise, somente ele mesmo é capaz de compreender de modo pleno.

(e) **Onipotência:** Deus é o único ser que pode fazer tudo aquilo que desejar e sem pedir autorização a ninguém, ainda que ele não aja com arbitrariedade ou se contradizendo, como o seria se ele pecasse; nesse sentido, *Deus é o único ser dotado de livre-arbítrio*, e o único capaz de decretar determinadas coisas que certamente irão acontecer<sup>2</sup>.

(f) **Onipresença:** Deus, conservando sua essência e não se confundindo com sua criação, *está* em todos os lugares ao mesmo tempo, ainda que *habite* em Cristo, na sua igreja, no céu e no crente, e *possa se fazer presente* em determinados lugares, como no inferno, para executar seu juízo.

(g) **Onisciência:** Deus sabe e conhece todas as coisas, não há nada que lhe seja oculto ou que dependa do tempo e espaço para serem aprendidos, estando aqui presente o conceito de *presciência*, ou conhecimento prévio, das ações humanas.

(h) **Unidade, ou Singularidade:** Deus não pode ser dissociado<sup>3</sup> ou reduzido a um ou mais de seus atributos, tal como os falsos deuses pagãos (deus da prosperidade, das tempestades, da fertilidade), dado que seus atributos não lhe são acréscimos, mas partes componentes de seu verdadeiro ser – “Deus é bom, mas Deus é justo também; Deus é amor, mas Deus se ira também”.

---

<sup>2</sup> Nesse sentido atua a vontade de Deus, melhor examinada no Capítulo 5, ao falarmos dos decretos de Deus.

<sup>3</sup> A singularidade divina se revela também por nele não haver corpo (e alma) dissociável do espírito, tal como no ser humano.

## 1-7-2. ATRIBUTOS COMUNICÁVEIS

Por outro lado, há atributos que Deus partilha com o homem em especial, a excelência de sua criação, transmitindo-lhe, em diversas hipóteses, o parâmetro a ser seguido e imitado. Esses atributos são abrangidos em quatro categorias, a saber:

(a) **Atributos ontológicos**, que são aqueles destinados a descrever o ser de Deus:

- **Espiritualidade:** Deus é espírito, imaterial, cuja infinitude não pode ser medida ou semelhante a qualquer coisa – daí a proibição de se fazer qualquer tipo de imagem de escultura de Deus, ou compará-lo a qualquer criatura<sup>4</sup>.

- **Invisibilidade:** Deus não pode ser visto por olhos físicos ou naturais, embora ele possa operar as já mencionadas teofanias.

(b) **Atributos mentais**, que são aqueles destinados a descrever a mente de Deus:

- **Conhecimento:** Deus conhece tudo de modo simples e absoluto, sem limite de tempo ou espaço, ainda que de algumas delas resolva não mais se lembrar, como é o caso das transgressões justificadas dos homens.

- **Fidelidade:** Deus é fiel e verdadeiro – primeiramente a si próprio – constituindo o parâmetro da fidelidade e da verdade.

- **Sabedoria:** Deus sabe de todas as coisas, e seu plano de ação é sempre o melhor, atributo esse comunicável ao homem, que pode pedi-lo diretamente ao Senhor mediante a humildade demonstrada pelo temor (respeito) aos seus mandamentos.

(c) **Atributos morais**, que são aqueles destinados a descrever o padrão moral de Deus:

- **Amor:** Deus age em prol de sua criação, doando-se a ela.

- **Bondade:** Deus é o parâmetro absoluto daquilo que se constitui como digno de aprovação, tanto em sua essência quanto em suas realizações – isto é, Deus é bom e *faz* aquilo que é bom.

---

<sup>4</sup> O fundamento da idolatria é tornar visível uma entidade, em tese, invisível. No caso de Deus, isso se torna ainda mais grave, pois é tentar reduzir o infinito a uma figura limitada em formas e aparência, o que é uma desonra ao Senhor e, portanto, pecado. A essência papista (catolicismo romano) clama a idolatria. Alegam-se fins didáticos, como de ensino aos iletrados, ou mesmo de memória daqueles santos e santas que já partiram, como mostraria um portarretrato; ocorre que o crente não precisa de ídolos que o ensine sobre o Deus verdadeiro, sua graça e misericórdia, tampouco que se use uma imagem para obter graça, dobrando-se ou ajoelhando-se diante dela para prestar-lhe adoração.

▪ **Graça:** Deus age favoravelmente a quem não merecia o favor divino, senão a sua condenação eterna, de modo algum esperando qualquer retribuição ou atitude favorável da criatura.

▪ **Ira:** Deus, de modo santo e vigoroso, odeia intensamente o pecado, a ponto de ser válido dizer que Cristo justificou o ímpio para apartá-lo da ira do próprio Deus.

▪ **Longanimidade:** Deus é tardio para irar-se e para punir, conforme os propósitos que tem estabelecidos.

▪ **Misericórdia:** Deus age favoravelmente a quem está passando por momentos de aflição, dispensando-lhe graça.

▪ **Ordem:** Deus se caracteriza pela prevalência da ordem e da paz, sendo ambas marcadas pela atividade controlada e permeada pela sabedoria.

▪ **Paciência:** Deus, em sua bondade, suspende a aplicabilidade de punição, *por algum tempo*, aos que a merecem, por conta de seus propósitos para com o desenvolvimento da criatura.

▪ **Retidão:** Deus é o parâmetro absoluto daquilo que se constitui como justo – em grego, retidão e justiça são sinônimos<sup>5</sup> –, sendo que Deus é justo e *faz* aquilo que é justo.

▪ **Santidade:** Deus é eternamente separado do pecado, conduta essa que lhe traz desonra.

▪ **Zelo:** Deus é continuamente comprometido com sua própria honra, agindo por amor de seu nome (caráter) em favor de uma glória própria, não compartilhada com qualquer criatura.

**(d) Atributos sintéticos,** que são aqueles destinados a descrever a singularidade de Deus:

▪ **Beleza:** Deus é a soma de tudo o que se pode desejar.

▪ **Bem-aventurança:** Deus é bendito e autorrealizado, emanando dele tudo o que seja bom e proveitoso.

▪ **Glória:** Deus possui brilho próprio, imaculado, manifesto à sua criação como algo visível a respeito do seu caráter.

▪ **Perfeição:** Deus possui todas as qualidades desejáveis, dentro dos conceitos de bondade e justiça, em nada sendo carente de alguma coisa.

Um dos atributos essenciais de Deus, entretanto, é a *trindade*, que merece ser analisada à parte, conforme o faremos agora.

---

<sup>5</sup> O termo grego δίκαιος (*dikaios*) para “retidão” era empregado socialmente com o sentido de “estar em conformidade com a lei”.

## ARTIGO IV

## TRIUNIDADE DE DEUS

## 1-8. CONCEITO

Trinidade, literalmente, significa “três em unidade”. São três Pessoas e um único Deus; cada uma das Pessoas da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – é plenamente Deus, e cada um dos atributos já estudados vale para essas Pessoas, indistintamente. Assim, não se tem uma trindade *numérica* (1+1+1), e sim uma trindade *subjéitiva* (1 X 1 X 1).

Por toda a Bíblia se fala em Trindade, ainda que de modo implícito – esse termo não é mencionado nas Escrituras, o que não lhe retira *existência, certeza* ou *validade*. Não foi uma doutrina construída pelos chamados “Pais da Igreja”, e sim uma revelação cujo ápice ocorreu com o Novo Testamento, na Pessoa de Cristo (Filho), “Deus conosco”, que prometeu o Consolador (Espírito Santo).

Embora cada Pessoa seja Deus, e Deus seja um só, as três Pessoas se distinguem entre si: o Pai não é o Filho, o Filho não é o Espírito Santo, tampouco o Pai não é o Espírito Santo. O que não os torna “três Deuses” é justamente saber que cada Pessoa é plenamente Deus.

Implicações da veracidade trinitariana são diversas: todas as Pessoas têm igual poder, glória e majestade, ainda que seus atributos sejam distintos; todas as Pessoas não foram criadas, e sim elas sempre existiram – assim, Cristo é o “unigênito do Pai”, vindo do Pai, não o “primogênito”<sup>6</sup>, o que daria a impressão de que Cristo foi originado; o Pai nunca assumiu forma humana, nem o Espírito, ao passo que Cristo foi plenamente humano enquanto esteve entre nós encarnado; as três Pessoas podem se relacionar – e se relacionam – entre si. Além disso, não há uma analogia que satisfaça completamente para explicar o conceito de Trindade, dentre muitas já divulgadas, pois todas falham em algum ponto.

## 1-9. OBJEÇÕES AO TRINITARIANISMO

As principais objeções ao trinitarianismo cristão são as seguintes:

**(a) Monoteísmos islâmico e judaico:** são as posições que admitem a existência de um único Deus, mas negam a possibilidade de ele se revelar em outras pessoas que não a divindade única.

<sup>6</sup> Em Cl 1:15 fala-se em Cristo como “o primogênito de toda a criação” (primogênito, no grego *πρωτοτοκια* = *prototokia*), no sentido de que o Filho antecede toda a criação na qualidade de líder, de autoridade sobre a mesma.



**(b) Modalismo:** é a posição que afirma a existência de uma só pessoa, revelada de três modos distintos ao ser humano – assim, o Pai seria o “Deus do Antigo Testamento”, o Filho o do Novo, e o Espírito Santo o Deus após a ressurreição e ascensão de Jesus. Essa posição nega passagens evidentes das Escrituras, em que há um relacionamento explícito entre as Pessoas da Trindade – exemplo: quando Jesus ora ao Pai.

**(c) Arianismo:** é a posição que nega a divindade do Filho e a do Espírito Santo, atribuindo-lhes natureza semelhante, porém não idêntica à do Pai. Posições correlatas foram dadas pelo **subordinacionismo**, que pregava a subordinação do Filho e do Espírito Santo ao Pai, e a do **adocianismo**, que pregava a adoção do Filho pelo Pai através do batismo de João Batista.

**(d) Unicismo:** é posição originária do arianismo, que admite a existência de uma única divindade, negando, porém, que ela seja revelada em mais de uma Pessoa, opondo-se à Trindade cristã.

Embora de difícil compreensão, envolta em *mistério*, a Trindade é reconhecidamente bíblica. A concepção do trinitarianismo pretende mais afastar especulações sobre o *que não é* a Trindade do que tentar explicá-la.

## ARTIGO V

### ATIVIDADES COMPLEMENTARES

#### 1-10. PASSAGENS BÍBLICAS PARA ESTUDO DESTE CAPÍTULO

Selecionamos, a seguir, as passagens mais relevantes para a compreensão dos assuntos tratados por este capítulo. Há diversas outras, mas não pretendemos ser exaustivos nessa relação. Localize-as na sua Bíblia.

ARTIGO	PASSAGENS
I	Jo 17:3; Rm 2:14-16; 1 Jo 2:13
II	Gn 22:15; Jz 13:21; 1 Sm 3:15; 1 Cr 21:15; Sl 19:1-2; Ob 1; Mt 2:19; 11:27; Lc 1:11; At 9:10; 18:9
III	Gn 1:1; 16:13; 22:13-14; Êx 15:26; Dt 32:4, 11; 1 Rs 8:27; Jó 12:13; 37:26; Sl 11:4; 24:8; 90:2; 145:3; Is 43:7; Jr 23:6, 23-24; Lc 18:19; Jo 4:24; At 4:27-28; 17:24-25; Cl 1:17; 1 Jo 1:5
IV	Gn 1:1-2; 3:22; Pv 8:22-31; Is 6:8; Mt 3:16-17; Cl 2:9; 2 Co 13:13; Gl 4:4; 1 Pe 1:2

## 1-11. QUESTÕES PARA DEBATE OU REFLEXÃO PESSOAL

(a) Como demonstrar a existência de Deus usando de argumentos que não necessariamente se reportem à Bíblia Sagrada, tendo em vista que a primeira coisa que um cético nega é a veracidade das Escrituras?

(b) Explique com suas palavras a diferença entre teísmo e deísmo. Qual a importância de estabelecer essa diferença, considerando que hoje em dia muitos querem “racionalizar” a vida com Deus?

(c) Seremos feitos à imagem e semelhança de Deus nos faz *iguais* a Deus? Explique.

(d) Em sua opinião, quais os perigos de se negar a Trindade tal como ela é revelada pelas Escrituras?

## 1-12. ESTUDO INDUTIVO

1. Com base nos comentários já relatados, complete as lacunas a seguir.

(a) A posição cristã acerca da existência de Deus passa por dois aspectos distintos: o \_\_\_\_\_, que admite a existência de um Deus transcendente que se relaciona com o homem, e o \_\_\_\_\_, que admite a existência de um único Deus, negando os demais.

(b) A \_\_\_\_\_ é a revelação mais completa sobre a natureza divina.

(c) Os atributos de Deus, reveladores de seu caráter, podem ser subdivididos em \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_, conforme Deus compartilhe dos mesmos com as criaturas ou não.

(d) Cada uma das \_\_\_\_\_ da Trindade é plenamente Deus; a Trindade não é \_\_\_\_\_ ( $1+1+1$ ), mas sim \_\_\_\_\_ ( $1 \times 1 \times 1$ ).

2. Compare Êxodo 3:14 com João 8:58. Agora, leia e responda:

(a) O que há de semelhante entre ambas as declarações?

(b) Que características Deus demonstra ao revelar dessa maneira seu Nome?

(c) Por que Jesus se revelaria dessa mesma maneira aos que o interrogavam?

## 1-13. LEITURA BÍBLICA OBRIGATÓRIA

Considerando o dia de hoje – não necessariamente 1º de janeiro – examine o calendário do Anexo II e comece a leitura completa da Bíblia. São duas passagens, uma ao lado da outra, e ambas devem ser lidas. Siga a sequência, procurando cumprir com a tarefa diariamente. Ao terminar, coloque uma gavota no quadradinho à direita do dia correspondente à sua leitura.

## CAPÍTULO 2

### O CONHECIMENTO DE JESUS CRISTO E DO ESPÍRITO SANTO

ASSUNTO	FINALIDADE
Examinar a posição cristã, única verdadeira, sobre as Pessoas de Cristo e do Espírito Santo.	Conhecer a natureza e os ofícios de Cristo e do Espírito Santo, discernindo seus papéis no contexto trinitário.

#### ARTIGO I

#### NATUREZA DE CRISTO

##### 2-1. NATUREZA DIVINA DE CRISTO

##### 2-1-1. GENERALIDADES

Os relatos bíblicos a respeito de Cristo demonstram que Cristo, uma das Pessoas da Trindade, possui uma natureza singular. Desde as profecias feitas a seu respeito, bem como das formas de tratamento a ele dirigidas, nota-se que Cristo não era apenas um mestre ou profeta de seu tempo. Não fosse assim, Isaías não teria chamado o menino que nasceria, o filho que Ihes seria dado de “Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz”, sem incorrer em blasfêmia.

Em verdade, a Bíblia menciona Cristo de capa a capa, sendo em Gênesis mesmo a primeira menção da necessidade da vinda de Cristo para o homem, como promessa dada a Adão e Eva como semente da mulher que pisaria na cabeça da serpente. Passando pelas teofanias – com as

aparições do “Anjo do Senhor” – e pelas profecias, nota-se que a Bíblia sempre falou de alguém, ao lado do Pai, cuja vinda estava profetizada para estar com o seu povo, e haveria renovo sobre a terra.

## 2-1-2. DEMONSTRAÇÕES DE DIVINDADE EM CRISTO

O Novo Testamento demonstra, também, que Jesus possui natureza divina: além da forma pela qual seus relatos se apresentam, tratando-o como Senhor indistintamente em relação ao Pai, ele reporta as curas e milagres de Jesus, além do controle deste sobre o vento e as tempestades do mar (onipotência), o conhecimento sobre o pensamento daqueles que o acusavam (onisciência), e sobre o cumprimento da promessa de que Jesus estaria todos os dias com o crente até a consumação dos séculos (onipresença). É dele, ainda, toda autoridade sobre céu e terra, o poder de perdoar pecados e de dar o Espírito Santo a quem quiser. A ressurreição, por fim, é um dos motivos mais importantes que atestam a divindade de Cristo.

A natureza divina de Cristo é necessária ao cristão, pois a ele é dirigido o culto e a glorificação divina: se ele fosse alguém menor que Deus em seus atributos, haveria idolatria dirigida a um homem ou entidade com forma humana. Sem o Cristo divino não haveria perdão pleno dos pecados, nem salvação, nem mediação entre Deus e o homem, tampouco o próprio cristianismo.

## 2-1-3. OBJEÇÃO À NATUREZA PLENAMENTE DIVINA DE CRISTO

A **teoria da kenosis** consiste numa forma de diminuir a divindade de Cristo, alegando que ele, enquanto esteve entre nós, abriu mão de certos atributos da divindade. Ao pensar assim, essa teoria faz uma interpretação equivocada do texto bíblico que afirma que Jesus “se esvaziou” (Fp 2:7), sendo que a passagem não afirma tal coisa, senão que Cristo assumiu *posição inferior* à sua glória quanto à condição anterior e às suas funções, sem *perder*, sequer temporariamente, os seus atributos originais.

## 2-2. NATUREZA HUMANA DE CRISTO

### 2-2-1. GENERALIDADES

Tão certo quanto a Bíblia ensina a natureza divina de Cristo ela o faz quanto à sua natureza humana.

Cristo nasceu da concepção dada no ventre de sua mãe, Maria, que até então (e somente até então) havia se mantido virgem. Essa concepção foi realizada pelo Espírito Santo, proporcionando a Cristo a plena humanidade, por parte de Maria, como a plena divindade, pelo Espírito. Nele foi

rompida a linha sucessória de pecado a partir de Adão e, por isso, Jesus nasceu sem pecado<sup>7</sup>. Com isso, Deus mostra que a salvação vem dele, não por meio de homens ou de atitudes humanas.

## 2-2-2. DEMONSTRAÇÕES DE HUMANIDADE EM CRISTO

A plena humanidade de Cristo não contrasta com sua plena divindade. Como qualquer ser humano, ele teve um nascimento e infância nada distintos das demais crianças. Jesus tem mente, corpo e alma humanos, e da mesma forma era sujeito a emoções humanas. Ao falar sobre a vida de Cristo, os evangelistas demonstram suas emoções, como fome, sede, e angústia. Jesus inclusive foi tentado no deserto (Mt 4); ainda que ele, como Deus, não pudesse ser tentado pelo mal, sua natureza humana podia ser tentada.

Diferentemente, entretanto, dos demais homens, *Jesus não tinha pecado nem natureza pecaminosa*. Ele é chamado de o Justo, de o Santo, e dele o apóstolo Paulo diz, expressamente, que não conheceu pecado.

## 2-2-3. OBJEÇÕES À NATUREZA HUMANA E DIVINA DE CRISTO

Algumas heresias com objeções à natureza de Cristo foram as seguintes:

**(a) Docetismo:** logo nos tempos bíblicos o docetismo afirmava que Cristo não era homem, mas, conforme as explicações já apresentadas, não há como se fugir da natureza plenamente humana de Cristo.

**(b) Apolinarianismo:** elaborada pelo bispo Apolinário de Laodiceia (361 d.C.), essa heresia afirmava que Cristo tinha um corpo humano, mas sua mente ou espírito eram apenas divinos, originados do filho de Deus, como se Cristo fosse um “amálgama” entre a natureza humana e a divina, meio homem, meio Deus.

**(c) Monofisismo, ou Eutiquianismo:** essa heresia afirmava que Cristo possuía uma única natureza, sendo que a humana fora absorvida pela divina, havendo, por consequência, uma terceira natureza distinta. Assim, Cristo não seria nem verdadeiramente Deus, nem verdadeiramente homem.

**(d) Nestorianismo:** elaborada por Nestório, bispo de Constantinopla (428 d.C.), essa heresia afirmava que Cristo concentrava, em seu cor-

<sup>7</sup> O catolicismo romano (papismo) alega que, para Cristo ter nascido sem pecado, Maria também deveria ter nascido sem pecado e, por isso, defendem o dogma da “imaculada concepção de Maria”. Ocorre, entretanto, que a Bíblia em momento algum diz a esse respeito, e ainda pesa contra esse fato a circunstância de a avó de Jesus também ter nascido sem pecado, daí a bisavó e assim por diante, até Eva. Diante, entretanto, da própria compreensão das Escrituras, bem como da biologia – posto que é o pai quem define o sexo da criança, dentre outras características – não fica difícil a solução de que o Espírito Santo é quem se encarregou de impedir a transmissão da pecaminosidade de Maria ao seu filho, muito menos a de José, pai de Jesus por pura adoção. Igualmente inverídico é o dogma da “perpétua virgindade de Maria”, pois, para abrigar Cristo em seu ventre, Maria não teve de se guardar para sempre de seu esposo José.

po, a natureza humana e a divina, distintas entre si, como se fossem duas “pessoas” a lhe habitar.

(e) Modernamente, **praticamente todas as seitas e religiões negam a divindade de Cristo**, tratando-o ora como apenas um profeta, ora como um homem qualquer, porém iluminado, ou mesmo como um guru.

## ARTIGO II

### ENCARNAÇÃO DE CRISTO

#### 2-3. NECESSIDADE

A vinda de Cristo em forma humana teve, indiscutivelmente, seu lugar na História, tanto é que ela é contada antes e depois de Cristo. Sem dúvida Deus poderia ter adotado outro método para trazer o Salvador aos homens, como uma teofania ou através de um anjo; porém, era necessário que o Messias fosse plenamente Deus e plenamente homem.

A principal necessidade de um Cristo plenamente humano se dá por dois motivos: a *mediação entre Deus e os homens* e a *substituição*, para fins de sacrifício e de cumprimento da lei divina, que obrigava o derramamento de sangue para a remissão dos pecados.

Jesus, ao ser mediador entre Deus e os homens, coloca-se como representando Deus para nós e por nós perante Deus. Um mediador, para cumprir com seu papel, deve estar por dentro da realidade entre duas partes opostas, e assim o foi entre um Senhor que não tolera o pecado e um homem, absolutamente imerso em pecado.

Outra necessidade é a de substituição: o sacrifício de Cristo, em lugar dos eleitos de Deus, foi pleno e representou o termo “vida por vida” da lei, em plena equivalência. Sendo o homem totalmente pecador, essa dívida deveria cair sobre um homem que não tivesse pecado algum. Se Cristo fosse apenas Deus, ele não teria como pagar pelos nossos pecados; se apenas homem, seu sacrifício não seria aceito por Deus.

#### 2-4. FINALIDADE

A encarnação de Cristo cumpre, também, com diversas finalidades:

(a) **Jesus é o padrão de obediência do cristão.** Sendo ele o novo homem, superando Adão em sua natureza de pecado, ele agora nos dá o padrão de como devemos nos conduzir, diante de Deus e dos homens, suportando todo tipo de oposição, inclusive até a morte.

(b) **Jesus é o padrão original de homem, feito por Deus na criação.** Além de o próprio Cristo ter participado da criação do homem, ele dá o padrão sobre o qual o homem deve dominar sobre todas as criaturas.

(c) **Jesus confere ao homem o padrão do corpo ressurreto.** Todo aquele eleito de Deus terá um corpo redimido do pecado, incorruptível, a exemplo do que Cristo já o possui e sempre o possuirá, sendo ele o primeiro ressuscitado dentre os mortos.

Oportuno dizer que Jesus, quando voltar no Dia do Juízo, não estará *se reencarnando*, e sim voltando com seu corpo físico já glorificado. A reencarnação em momento algum é ensinada pela Bíblia.

## ARTIGO III

### OFÍCIOS DE CRISTO

#### 2-5. CONFIRMAÇÃO E INDIVISIBILIDADE

A encarnação de Cristo trouxe ao homem a possibilidade – dotada de *certeza*, uma vez este sendo regenerado – de viver o projeto original de Deus para a sua criação. Esses projetos foram cumpridos na pessoa de Cristo por meio de seus ofícios, que são:

(a) **Rei:** Jesus é o Rei dos Reis – ou *Sumo Rei* – profetizado. É o Cabeça de seu povo. Também era de sua responsabilidade anunciar e trazer o Reino de Deus aos homens. A autoridade que, em princípio, se revela apenas ao seu povo (igreja), virá sobre toda criatura, com a chegada definitiva do Reino.

(b) **Profeta:** Jesus, como Messias revelado, foi profetizado como semelhante a Moisés, a fim de ensinar ao povo a vontade de Deus. De fato, Jesus foi reconhecido numerosas vezes como profeta pelo próprio povo, com um diferencial significativo: ao invés de dizer em nome de Deus, “assim diz o Senhor”, ele dizia de si próprio como Deus: “em verdade, em verdade [eu] vos digo”. Isso lhe coloca acima dos profetas do Antigo Testamento, ou como *Sumo Profeta*.

(c) **Sacerdote:** Jesus se coloca na figura de *mediador* entre Deus e os homens e como o sacrifício vivo, santo e agradável diante de Deus, apresentado por Cristo na cruz do Calvário. A Bíblia, no entanto, chama a Cristo de *Sumo Sacerdote*, isto é, alguém que ocupa posição proeminente, diante dos demais sacerdotes de seu povo eleito.

Os ofícios de Cristo, além de confirmarem sua missão sobre a terra, são *indivisíveis* entre si e *comunicáveis* ao homem: afinal, este reinará com Cristo na eternidade, deve hoje anunciar o Evangelho da parte de Deus como *profeta* e ser *sacerdote* do Deus Altíssimo, dentro do sacerdócio universal conferido a todos os crentes.

## 2-6. OFÍCIOS DE CRISTO, ORAÇÃO E JEJUM

Jesus, como profeta, ensinou o crente a orar. Como rei, demonstrou que a oração feita em nome dele seria respondida. Como sacerdote, evidenciou seu poder de mediação e intercessão junto ao Pai pelos pedidos realizados. Logo, nota-se a importância do tema “oração” dentre os ofícios de Cristo.

A oração que Deus ouve e responde é feita “em nome de Jesus”, tal como Jesus a faria em nosso lugar; as demais, feitas por não crentes, podem até ser ouvidas por Deus – afinal, Deus é onisciente – mas não são respondidas com base em fé, e sim eventualmente embasadas na misericórdia divina e com finalidade específica de salvação. Ao orar, o crente entra na presença de Deus como sacerdote, não em templo físico, mas no espiritual, nos lugares celestiais, onde Cristo está assentado.

De acordo, em especial, com o ensino de Cristo no sermão do monte, *a oração é feita ao Pai em nome do Filho e permeada pela ação do Espírito*. A oração eficaz cobra, ainda, que o crente a realize conforme a vontade de Deus – isto é, conforme suas ordens expressas em sua Palavra –, em obediência e em demonstração de fé no Deus que ouve as petições. Além disso, é necessário lembrar que a oração é um vínculo relacional com Deus, exprimido também em favor de outras pessoas, de modo que não pode haver restauro de relação com Deus se o crente manter algo contra aqueles que o defraudaram. Outros requisitos importantes da oração são: a humildade em se dirigir a Deus; a espera pela resposta dele; a sinceridade quanto ao que se pede; a persistência no pedido; o restauro contínuo da relação com Deus através da confissão e do pronto abandono do pecado; e o desenvolvimento tanto de uma vida particular quanto de momentos públicos de oração. Ademais, sabendo que Deus conhece a oração do crente antes mesmo de que ela seja pronunciada, este deve oferecer louvor e ações de graças por já ter sido escutado.

Por fim, o jejum é ligado com alguma frequência às orações na Bíblia, sobretudo em momentos de aflição e de necessidade de respostas mais urgentes. Conquanto seja feito em secreto, na recomendação expressa de Cristo, e descaracterizada a finalidade de penitência ou ritualística, o jejum *pode* – sem força obrigatória – ser praticado pelo cristão.

## ARTIGO IV

### NATUREZA E OBRA DO ESPÍRITO SANTO

#### 2-7. NATUREZA DO ESPÍRITO

##### 2-7-1. GENERALIDADES

Ao falarmos de Deus Pai (Capítulo 1) e de Deus Filho (Capítulo 2, artigos I a III), é oportuno falar da terceira pessoa da Trindade, Deus Espírito



Santo. Os termos Pai e Filho demonstram haver relação na Trindade, assim como o termo Espírito – isto é, alguém que lhes permeia, relacionando-se distintamente com ambos.

## 2-7-2. PESSOALIDADE DO ESPÍRITO

A intervenção do Espírito Santo não é meramente ocasional, restrita a umas poucas passagens. Aproximadamente 300 passagens, somente no Novo Testamento, falam dele, e não como uma força, um poder, uma energia ou substância, e sim como uma pessoa<sup>8</sup>. Provas de sua pessoalidade são encontradas nas referências a ele como pessoa (pronomes “ele” ao invés de “isso”), nas referências a relacionamento com ele, a quem não podemos “pecar contra”<sup>9</sup> ou “entristecer”, e nas referências dele como agente revelador, esquadrinhador, conhecedor e até reprovador. Uma das evidências de ele ser uma Pessoa foi a forma pela qual ele se apresentou no batismo de Jesus, como uma pomba.

## 2-7-3. DIVINDADE DO ESPÍRITO

A forma mais evidente da deidade do Espírito é demonstrada no fato de ele habitar no corpo do crente, constituindo nele seu santuário: somente Deus teria como realizar isso<sup>10</sup>. O crente não é “possuído” pelo Espírito, antes o abriga, e este o capacita nas mais diversas funções, vistas adiante. Além do mais, se há “pecado contra o Espírito”, o Espírito só pode ser Deus, pois não se peca contra a criatura, em última análise.

## 2-7-4. OBJEÇÕES À NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

A principal objeção à natureza do Espírito Santo é trazida pelo próprio **judáismo** e, principalmente, pela seita **Testemunhas de Jeová**. O primeiro não considera o Espírito uma Pessoa, por negarem a Trindade; o segundo, na tentativa de reescrever a Bíblia conforme suas conveniências, diz que o Espírito é “um deus” (com D minúsculo) e o apelida de “força ativa” de Deus, tirando-lhe a pessoalidade e a deidade. O **espiritismo** trata o Espírito Santo como uma falange de espíritos, alegando que o “espírito consolador” prometido por Cristo é o próprio espiritismo.

<sup>8</sup> Ainda que no grego haja a forma πνεῦμα (*pneuma*) para se referir ao Espírito, o que literalmente significa “vento” ou “sopro”, são claras e numerosas as evidências de ele ser uma pessoa, ao invés de uma simples manifestação de poder.

<sup>9</sup> Conforme veremos ao estudar a salvação bíblica, o crente não perde a salvação; logo, há uma impossibilidade de ele pecar contra o Espírito Santo, para o qual não há perdão.

<sup>10</sup> O batismo no Espírito Santo ocorre *no momento da regeneração*, conforme veremos adiante, não em outro momento da vida, muito menos é evidenciado pela manifestação de um dom específico – o de línguas – que é dado pelo Espírito a quem ele quiser ministrar para edificação da igreja. A partir desse momento é que o Espírito habita no corpo do crente.

## 2-8. OFÍCIOS DO ESPÍRITO

### 2-8-1. CARACTERIZAÇÃO

As obras de Deus são realizadas pelo Espírito. Ele é quem dá a vida, poder e dons ao homem para que este execute as tarefas comandadas por Deus<sup>11</sup>. A fonte de sabedoria também vem do Espírito, que faz lembrar ao homem tudo o que Deus tem revelado através de sua Palavra, por Ele inspirada aos seus redatores. Também é do Espírito atribuir dons aos filhos de Deus, para que estes trabalhem em prol do Reino e na igreja: os próprios trabalhos de pregação da Palavra e de evangelização eficaz são do Espírito. A palavra de profecia é atributo do Espírito. Por fim, a paternidade de Cristo enquanto homem, na encarnação, é também atributo do Espírito Santo.

### 2-8-2. OBJEÇÕES AOS OFÍCIOS DO ESPÍRITO SANTO

As principais objeções aos ofícios do Espírito Santo – tais como revelados nas Escrituras – encontram-se no **pentecostalismo** e no **neopentecostalismo**. Nas primeiras ondas pentecostais (1910, 1950) e em especial na terceira, o neopentecostalismo (1977), a ênfase está em determinados tipos de dons, em especial o de línguas estranhas (geralmente sem tradução alguma), de curas e de revelações, estas de natureza extrabíblica. Abrem, com isso, sua base teológica, rejeitando questões fundamentais de doutrina, incorporam ascetismo na conduta (“pode isso”, “não pode aquilo”, sem fundamentação) e absorvem posições baseadas em práticas e conceitos estranhos ao próprio cristianismo bíblico, como o uso de óleos de unção, sal grosso, folhas de arruda e outros artifícios.

Dando privilégio à obtenção das bênçãos de Deus antes da busca e submissão ao Deus das bênçãos, muitos nesses movimentos tendem a ignorar os reais ofícios do Espírito, colocando-se como agentes, *a qualquer momento*, de um poder segundo o qual Deus faz a vontade da criatura, não o contrário. O centro das ações do Espírito, portanto, passa a ser o homem, não um Deus livre e soberano, a quem “declaram” e “determinam” como agir, de quem podem “reivindicar, com autoridade”, todas as bênçãos prometidas. Distanciam-se, portanto, da fundamentação bíblica, tornando sua “ungida” autoridade eclesíástica como base incontestável e o homem como centro e medida das bênçãos de Deus, dentre os quais há os crentes *comuns* e os ditos *especiais*, conforme esforço próprio e a obtenção de mais “unção”.

Conforme veremos adiante, os dons não são negados, porém quem os confere é o Espírito, na sua plena liberdade e conselho, sem qualquer submissão à vontade do homem ou em contradição com as próprias Escrituras, pelo Espírito inspiradas, que lhes conferem validade e fundamento.

---

<sup>11</sup> Os próprios cristãos, enquanto espirituais, são denominados “do espírito” (grego πνευματικοί, *pneumatikoi*). É neles que se produz o chamado “fruto do Espírito” (Gl 2:20).

## 2-9. ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E MILAGRES

Embora a atuação quanto aos milagres seja obra da Trindade, a ênfase em sua realização recai sobre o período neotestamentário, sobretudo após a descida do Espírito Santo para habitar entre os crentes. Certamente houve milagres no Antigo Testamento, ligados, entretanto, à ação de personagens em destaque, como Moisés, Elias e Eliseu.

Milagre é uma forma excepcional da atuação de Deus entre as pessoas. Essa atuação excepcional pode usar – e geralmente usa – de meios naturais para manifestar o poder de Deus. A manifestação milagrosa pode acontecer em resposta à oração; porém, a ação de Deus só deve ser considerada milagre quando estiver revestida da excepcionalidade da resposta.

As finalidades dos milagres são múltiplas; todas, porém, tem o propósito de testemunhar o Deus milagroso. Não são, portanto, formas aleatórias de ação do Espírito – consulte o subitem 2-8-2 – e sim ações em prol de uma causa maior envolvendo o Evangelho. Nesse sentido, e somente nele, os apóstolos foram prodigiosos em milagres; isso não quer dizer que apenas os apóstolos agiam dessa forma, pois qualquer crente pode ser usado por Deus para operar milagres. A motivação em busca da operação de milagres é a que vai direcionar o pedido do crente a Deus, a fim de que essas manifestações aconteçam. Falsos milagres, por sua vez, embora possam parecer manifestações extraordinárias genuínas, não passam de imitações baratas, de raiz demoníaca, das ações que são praticadas por Deus.

### ARTIGO V

#### ATIVIDADES COMPLEMENTARES

## 2-10. PASSAGENS BÍBLICAS PARA ESTUDO DESTE CAPÍTULO

Selecionamos, a seguir, as passagens mais relevantes para a compreensão dos assuntos tratados por este capítulo. Há diversas outras, mas não pretendemos ser exaustivos nessa relação. Localize-as na sua Bíblia.

ARTIGO	PASSAGENS
I	Is 9:6; Gn 3:16; Mt 4:2; 8:26-27; 28:20; Mc 2:8; Lc 1:35; 2:7; Jo 1:1-14; 12:27; 19:28; At 3:14; 2 Co 5:21; Cl 2:9;
II	1 Tm 2:5; 1 Co 15:42-45; Hb 2:8; 1 Jo 2:6, 4:2-3
III	Dt 18:15-18; Sl 45:6; Is 53:5-6, 10-11; Mt 7:28-29; Lc 24:44; Cl 1:15
IV	Gn 2:1; Êx 7:3; 15:11; Nm 27:18; Sl 104:29-30; Mt 6:9-13; 12:31; 28:19; Mc 16:17-18; Lc 1:35; At 5:1-4, 12-16; 1 Co 6:19; Hb 3:7-9

## 2-11. QUESTÕES PARA DEBATE OU REFLEXÃO PESSOAL

**(a)** Por que é de interesse das seitas e heresias negar a divindade de Cristo?

**(b)** De que maneira a encarnação de Cristo cumpre com a finalidade descrita pelo apóstolo Paulo, ao dizer que nosso aperfeiçoamento se dará “até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4:13)?

**(c)** Sendo o ofício de sacerdote destinado a todo crente (1 Pe 2:5, 9), qual, conseqüentemente, é a real função dos pastores nas igrejas?

**(d)** Qual o principal fundamento para se definir a centralidade de dons e atuação do Espírito Santo nele mesmo, e não segundo a vontade do homem ou de qualquer igreja?

## 2-12. ESTUDO INDUTIVO

1. Com base nos comentários já relatados, complete as lacunas a seguir.

**(a)** Era preciso que Jesus viesse em forma \_\_\_\_\_, ainda que já desfrutasse da \_\_\_\_\_, como Deus que é. Assim, ele pôde passar por numerosas \_\_\_\_\_, ainda que nunca tivesse pecado.

**(b)** Com a encarnação, Cristo veio nos revelar qual é o \_\_\_\_\_ de homem que Deus criou originalmente no Éden.

**(c)** Como \_\_\_\_\_, Cristo exerce toda autoridade nos céus e na terra; como \_\_\_\_\_, ele ensina ao povo a vontade de Deus, e como \_\_\_\_\_, ele é o mediador entre Deus e os homens.

**(d)** Os fatos de o Espírito Santo demonstrar sentimentos e o de ser referido como agente revelador demonstram que ele é uma \_\_\_\_\_, não uma energia ou força ativa.

2. Leia João 2:13-22. Agora responda:

**(a)** Qual o motivo para que a ira de Jesus fosse despertada daquele modo?

**(b)** A que templo Jesus estava se referindo?

**(c)** Qual a relação entre esse templo e o fato de sermos templo do Espírito Santo?

## 2-13. LEITURA BÍBLICA OBRIGATÓRIA

Continue a leitura da semana passada, conforme você vem fazendo. Repare que há dias de recesso: nesses dias, nos quais não há leitura bíblica, você pode aproveitar o tempo a ela destinado para meditar no que leu durante a semana, escolhendo uma passagem específica, fazer um estudo mais aprofundado ou mesmo colocar a leitura novamente em dia.

## CAPÍTULO 3

### O CONHECIMENTO DA PALAVRA REVELADA

ASSUNTO	FINALIDADE
Examinar a posição cristã, única verdadeira, sobre o fundamento revelado trazido e contido na Bíblia.	Conhecer como ocorreu a formação, examinar a constituição interna e os diversos atributos das Escrituras Sagradas.

#### ARTIGO I

#### A BÍBLIA COMO PONTO DE PARTIDA DA REVELAÇÃO

##### 3-1. BÍBLIA COMO PALAVRA DE DEUS

##### 3-1-1. REVELAÇÃO UNIVERSAL OU ESPECÍFICA

Toda revelação que foi relatada até agora possui um fundamento materializado na *Bíblia Sagrada*. Afinal, de alguma forma o testemunho do agir de Deus na humanidade, nos limites que Deus permite o conhecimento acerca desse testemunho, deve chegar aos homens; além disso, em qualquer relacionamento há a necessidade de um canal de comunicação, seguro, infalível e transmissor de uma mensagem autêntica. Parte-se, então, de uma *revelação universal* para uma *específica*, isto é, de uma ordem que inclui a natural para algo particularizado, de acesso a quem Deus quiser conferi-lo por meio da ação do seu Espírito e com base nos méritos de Cristo.

Conforme já examinamos no Capítulo 1, a revelação universal se dá pelos argumentos de ordem intuitiva e natural, de modo que ninguém é indesculpável se alegar ignorância da existência de Deus. A revelação universal, entretanto e por si só, não tem o caráter completo daquela feita de modo específico, uma vez portando a corrupção do pecado, ao ser absorvida tanto objetiva quanto subjetivamente: é necessária, portanto, a intervenção divina para que algo mais completo ocorra, e *essa revelação específica é conferida apenas aos crentes*.

### 3-1-2. SENTIDO DA EXPRESSÃO “PALAVRA DE DEUS”

Num contexto amplo, a expressão “Palavra de Deus” – empregada como sinônimo de Bíblia Sagrada – pode ser entendida sob duas formas: o Verbo Encarnado em Jesus Cristo – como Pessoa, portanto – ou como a comunicação escrita, vinda da parte de Deus. A Palavra de Deus é que sustenta toda a ordem de coisas no universo, constituindo seus decretos.

A Bíblia é a Palavra de Deus, não apenas *contém* a Palavra de Deus. Conforme veremos adiante, o que dá fundamento à Bíblia como genuinamente Palavra de Deus é o fato de ela ter sido inspirada no momento de sua redação; por outro lado, ela contém a revelação da parte de Deus, mediante o relato de ações de Deus entre os homens. Além disso, as Escrituras se colocam como um meio claro e suficiente para ser compreendido, sem que haja a necessidade de um intérprete humano oficial, revestido de infalibilidade, para dizer algo sobre sua validade como Escritura.

## ARTIGO II

### FORMAÇÃO DAS ESCRITURAS

#### 3-2. CONSTITUIÇÃO DA PALAVRA DE DEUS: O CÂNON

##### 3-2-1. GENERALIDADES

A adoção da Bíblia como regra de fé e prática para o cristão – embora ela não se preste a essa exclusiva finalidade – implica em perceber algo fundamental para a vida espiritual: o que é e o que não é Escritura. Os livros que compõem a Bíblia formam o cânon, palavra de origem hebraica que significa “junco”, um caniço que servia como instrumento de medida, tal como uma régua; a função do cânon, portanto, é estabelecer um limite de discernimento entre o que está dentro e o que está fora da Bíblia.

Mesmo antes de o cânon ser fechado, diversas palavras e expressões já sugeriam a necessidade de se perceber o que, de fato, era palavra vinda da parte de Deus, como “assim diz o Senhor”, “palavras do Senhor”, o próprio termo “Escritura”, dentre outros.

A canonicidade das Escrituras, antes de mais nada, não é algo que os homens percebem da Bíblia e lançam sobre ela: o ponto de partida é o próprio livro sagrado, que demonstra ser e conter a palavra de Deus; afinal, a revelação parte de Deus aos homens, não seguindo o sentido contrário ou sendo percebida por um juízo humano. *Não se presume nem se conveciona a canonicidade*; ela é revelada e atestada de maneira inequívoca.

### 3-2-2. ELABORAÇÃO PROGRESSIVA

A origem da elaboração das Escrituras coincide com o Decálogo, ou Dez Mandamentos, que – não por acaso – foi escrito pelo “dedo de Deus”. Isso foi tratado com importância tal que as tábuas da Lei, registradas com o Decálogo, foram postas dentro da Arca da Aliança. Ao mesmo tempo, o próprio Moisés, quem recebeu as tábuas da Lei, deu início ao registro das Escrituras, as quais mais tarde formaram o chamado Pentateuco, composto pelos primeiros livros da Bíblia cristã e da *Torah* judaica (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio). Mais tarde, Josué – sucessor de Moisés – e outros escritores, bem como os profetas, foram agregando os registros, formando, assim, o Antigo Testamento.

A tabela a seguir mostra a composição da Bíblia judaica, herdada pelos cristãos como o Antigo Testamento.

<b>ANTIGO TESTAMENTO</b> (תנ"ך = Tanakh) / 24 livros	
<b>Torah</b> (תורה = Instrução, Lei)	<b>Ketuvim</b> (כתובים = Escritos)
<i>Bereshit</i> (בראשית = “No princípio”, ou Gênesis) <i>Shemot</i> (שמות = “Os nomes”, ou Êxodo) <i>Vayikrah</i> (ויקרא = “E chamou”, ou Levítico) <i>Bamidbar</i> (במדבר = “No deserto”, ou Números) <i>Devarim</i> (דברים = “Palavras”, ou Deuteronômio)	<b>Grupo I: Sifrei Emet (Os Três Livros Poéticos)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Tehillim</i> (תהלים = Salmos)</li> <li>▪ <i>Mishlei</i> (משלי = Provérbios)</li> <li>▪ <i>‘Iyyov</i> (איוב = Jó)</li> </ul>
<b>Nevi'im</b> (נביאים = Profetas)	
<b>Grupo I: <i>Nevi'im Rishonim</i> (Antigos Profetas)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Yehoshua</i> (יהושע = Josué)</li> </ul>	

- *Shoftim* (שופטים = Juízes)
- *Shmu'el* (שמואל = 1 e 2 Samuel)
- *Melakhim* (מלכים = 1 e 2 Reis)

#### Grupo II: *Nevi'im Aharonim* (Últimos Profetas)

- *Yeshayahu* (ישעיהו = Isaías)
- *Yirmiyahu* (ירמיהו = Jeremias)
- *Yehezq'el* (יחזקאל = Ezequiel)
- *Trei Asar* (עשר תרי = Os Doze [Profetas])
  - *Hoshea* (הושע = Oseias)
  - *Yo'el* (יואל = Joel)
  - *Amos* (עמוס = Amós)
  - *Ovadyah* (עבדיה = Obadias)
  - *Yonah* (יונה = Jonas)
  - *Mikhah* (מיכה = Miqueias)
  - *Nakhum* (נחום = Naum)
  - *Habaqquq* (חבקוק = Habacuque)
  - *Tsefania* (צפניה = Sofonias)
  - *Haggai* (חגי = Ageu)
  - *Zekharia* (זכריה = Zacarias)
  - *Malakhi* (מלאכי = Malaquias)

#### Grupo II: *Hamesh Megillot* (Os cinco rolos<sup>12</sup>)

- *Shir ha-Shirim* (שיר השירים = Cântico dos Cânticos, ou Cantares)
- *Ruth* (רות = Rute)
- *Eikhah* (איכה = Lamentações)
- *Kohelet* (קהלת = Ecclesiastes)
- *Ester* (אסתר = Ester)

#### Grupo III: Outros livros históricos

- *Daniel* (דניאל = Daniel)
- *Ezra* (עזרא = Esdras/Neemias)
- *Divrei ha-Yamim* (הימים דברי = 1 e 2 Crônicas)

O cânon do Novo Testamento foi constituído por semelhante processo. Assim como no Antigo, o testemunho do agir de Deus não poderia ser relegado à mera tradição oral, sob pena de se corromper, tanto na memória quanto no teor do relato. No caso do Novo Testamento, tem-se, em especial, o testemunho apostólico, de quem teve contato direto com Cristo e cujo relacionamento e ensinamentos deveriam ser transmitidos à posteridade. A revelação, porém, já se encontra completa: o período apostólico cessou com o Apocalipse de João, de maneira que não existem mais livros a serem tidos como Escritura após este.

### 3-2-3. PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO E LIVROS APÓCRIFOS

Entre o livro de Malaquias e os primeiros relatos do Novo Testamento houve um período de 400 anos de silêncio quanto às revelações, ainda

<sup>12</sup> Cada um dos Cinco Rolos era para ser lido em determinada festa judaica. Respectivamente, conforme a ordem que apresentamos: *Pessach* (Páscoa Judaica), *Shavuot* (Festa das Colheitas), *Tishá b'Av* (Dia de Luto e Jejum pela destruição do Primeiro e do Segundo Templos de Salomão), *Sukkot* (Festa dos Tabernáculos) e *Purim* (Festa da Libertação Persa).



que a literatura extrabíblica não tenha sido interrompida, evidentemente. Essa literatura, na própria época em que foi escrita e divulgada, não foi digna de crédito semelhante ao da Escritura. Os livros indignos de serem tidos como Escritura são denominados *apócrifos*, ou pseudocanônicos.

São critérios para a definição de um livro como apócrifo:

- (a) Incoerência de ensino com o restante da Bíblia Sagrada.
- (b) Ausência de evidente autoridade a si mesmo, ou inferioridade de seu conteúdo, em desarmonia com a Bíblia Sagrada.
- (c) Eventuais erros históricos e até geográficos.
- (d) Desconsideração pelo povo judeu – isto é, na origem –, por Jesus e pelos escritores do Novo Testamento, e até mesmo pelos denominados “Pais da Igreja” como Escritura.

Naturalmente, o número de livros apócrifos supera os do cânon bíblico, sendo que sua relação porta até mesmo nomes curiosos, como “O Evangelho da Natividade de Maria”, “Apocalipse de Adão”, “O Evangelho da Infância Árabe de Jesus”, dentre outros. Até mesmo um livro apócrifo é citado indiretamente na Bíblia: em Jd 14 cita-se 1 Enoque 60:8, mas nem isso torna 1 Enoque um livro inspirado ou mesmo digno de ocupar posição nas Escrituras. Um dos mais famosos apócrifos é o *Evangelho de Tomé*, aquele que afirma, ao seu final, que a mulher, para entrar no Reino dos Céus, deveria se tornar homem (parágrafo 114).

### 3-2-4. OBJEÇÕES À FORMAÇÃO E AO FECHAMENTO DO CÂNON

Como de costume entre as seitas e heresias, é necessário que elas, sem a iluminação do Espírito Santo, recorram a livros sem valor escriturístico para justificarem suas posições. Essas são as principais objeções:

(a) O **papismo**, ou **catolicismo romano**, foi um dos mais “prodigiosos” nesse sentido. Em 1546, como reação à Reforma Protestante – Contrarreforma – e baseado na tradição de infalibilidade papal, declarou bastante tardiamente como canônicos os seguintes livros: *Tobias*, *Judite*, *Sabedoria*, *Baruque*, *1 e 2 Macabeus*, bem como as *adições ao livro de Ester*. Entre as heresias ensinadas por esses livros estão: a oração pelos mortos (1 Macabeus), dúvidas sobre a própria autenticidade do testemunho (2 Macabeus), o perdão de pecados através das esmolas (Sabedoria), feitiçaria e anjo orientador/enganador (Tobias), sem contar erros geográficos (Judite). Tecnicamente, para os papistas, esses livros não são apócrifos, e sim “deuterocanônicos”.

(b) Problemas foram trazidos também pelo **mormonismo**, ou *Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, que adotam o Livro de Mór-

mon ao lado dos versos da Bíblia que julgam “corretamente traduzidos”, sem contar os apêndices “Doutrinas e Alianças” e “Pérolas de Grande Valor”, tidos também como “inspirados”.

(c) Da mesma forma faz o **espiritismo**, com as obras escritas pelo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, cujo pseudônimo era “Allan Kardec”, apelidado de o “Codificador do Espiritismo”.

(d) Os adeptos da seita **Testemunhas de Jeová** têm uma versão própria e adulterada da Bíblia, denominada “Tradução do Novo Mundo das Escrituras”.

(e) Os **sabatistas**, também conhecidos como **adventistas** ou membros da *Igreja Adventista do Sétimo Dia*, também reconhecem como inspirados os escritos da sua principal profetisa e cofundadora, a estadunidense Ellen Gould White.

## ARTIGO III

### FUNDAMENTAÇÃO DAS ESCRITURAS

#### 3-3. INSPIRAÇÃO

##### 3-3-1. CARACTERIZAÇÃO

A palavra revelada (item 3-1) possui como fundamento principal a inspiração sobrenatural, emanada da vontade de Deus. Por inspiração sobrenatural entende-se que não haja a concorrência de circunstâncias internas ou externas ao que recebe a mensagem. Logo, a mensagem bíblica não é fruto de raciocínio ou do intelecto humano, muito menos de erudição, de submissão à autoridade divina ou até de condição humana<sup>13</sup>: ela é algo proveniente, de forma genuína, da parte de Deus.

A inspiração, portanto, demanda um agente (Espírito Santo) e um paciente (homem), cujas palavras devem ser recebidas como sendo as de Deus – aliás, a palavra “profecia” tem precisamente esse sentido: falar da parte de Deus. A lei e os profetas, a substância do *Tanakh* (Antigo Testamento), é, no seu conjunto, uma grande profecia; de igual sorte todo o Novo Testamento, construído em especial após a descida do Espírito Santo para habitar com os crentes. Uma das grandes marcas bíblicas da

---

<sup>13</sup> Exemplos bastante notórios, respectivamente nesses sentidos, encontram-se entre: Paulo e a condenação da retórica dos gálatas (Gl 3:1-4); Pedro e Tiago, que falaram a partir de Deus e eram semianalfabetos (At 4:13); Saul, que foi contado entre os profetas mas revelou-se inimigo de Davi (1 Sm 18:10, 29); e a jumenta de Balaão, com mensagem de profecia (Nm 22:30).

inspiração é a expressão “veio a mim a palavra do Senhor”, repetida à exaustão por autores como os profetas Ezequiel e Jeremias.

Por fim, como diz Paulo a Timóteo, “*Toda Escritura é inspirada*”: isso confirma o argumento de que tudo o que está na Escritura é divina e igualmente inspirado, sem que haja privilégio de umas palavras sobre outras, ou mesmo de um Testamento sobre outro (Antigo sobre Novo e *vice versa*).

### 3-3-2. DISTINÇÃO ENTRE INSPIRAÇÃO E REVELAÇÃO

Ao passo que a revelação traz *conhecimento* ao ensino sobre determinado assunto, a inspiração traz *infallibilidade* a esse ensino, preservando-o do erro. As fontes de revelação podem ser as mais diversas: documental, testemunhal, ditado, experiências com Deus ou mesmo revelação direta; já a de inspiração é unicamente da parte de Deus.

### 3-4. PRESERVAÇÃO

#### 3-4-1. CARACTERÍSTICAS

Fruto de operação milagrosa divina, a preservação da Bíblia é depreendida da própria constituição do cânon. Tendo sido ele fechado por estar completo e nada lhe sendo acrescentado ou diminuído, passou-se à sua transmissão pelas gerações. Isso equivale dizer que, ainda que os originais (autógrafos) tenham se perdido pela própria ação do tempo, a palavra neles contida foi preservada e transmitida. O mesmo Deus que supervisionou o trabalho humano de escrita, inspirando as suas palavras, é o mesmo Deus que se encarrega de preservar e transmitir aquilo que é de sua vontade soberana.

A preservação garante que o documento que o crente tem em mãos hoje é *suficientemente seguro e confiável*. Por consequência, *as cópias dos originais são Escritura*, desde que reproduzam o mais fiel possível o texto transmitido pelo autor original, ainda que erros pontuais de cópia possam existir. Da mesma forma, *as traduções são Escritura, conquanto criteriosamente elaboradas* por alguém que entenda as línguas originais e consiga lhes passar, em outro idioma corrente, a ideia que mais se aproxime do original, sem constituir uma paráfrase.

#### 3-4-2. A BÍBLIA NA LÍNGUA PORTUGUESA

Escrita originalmente em hebraico, aramaico e grego, a Bíblia teve seus 66 livros reunidos a partir de numerosos manuscritos, passados entre as gerações. As pesquisas arqueológicas apenas têm confirmado a

veracidade dos escritos conhecidos em outras épocas, como as escavações feitas em 1947 na caverna de Qumran, próxima ao Mar Morto.

O Antigo Testamento, cuja versão antiga mais conhecida é o chamado *Texto Massorético*, foi transmitido em hebraico com algumas passagens breves em aramaico. O grego popular, ou *koiné*, foi aquele utilizado para registrar o Novo Testamento. Uma das primeiras traduções do Antigo Testamento para o grego, no entanto, foi realizada no final do século II a.C. e conhecida como *Septuaginta*, ou versão grega dos Setenta (LXX), em referência aos mais de 70 rabinos (72, 6 de cada tribo judaica) que se encarregaram dessa tarefa. Sua importância se dá pelo fato de o próprio apóstolo Paulo tê-la utilizado em citações das Escrituras. Ela, no entanto, trata como canônicos diversos livros apócrifos, como os já mencionados Tobias, Judite e 1 e 2 Macabeus, além de dela constar 3 e 4 Reis, o Salmo 151, uma Carta de Jeremias, dentre outros. Uma tradução do Antigo Testamento para o aramaico, o *Targum*, também circulou entre os judeus no exílio babilônico<sup>14</sup>.

Mais tarde, já no fim da Antiguidade, o padre Jerônimo produziu uma “tradução oficial” das Escrituras em latim, conhecida como *Vulgata* por ter usado uma versão popular desse idioma. A grande difusão da Bíblia, no entanto, veio em 1456 com a imprensa de Johannes Gutenberg, que desenvolveu uma forma diferente de divulgação de conteúdo escrito, superando muito em tempo o árduo trabalho dos chamados “monges copistas”, que reproduziam a mão e incessantemente o conteúdo das Escrituras. Mesmo com a proibição de novas versões que não as autorizadas pelo papa Inocêncio III (1199), elas continuaram a ser produzidas, como a de Wycliffe para o inglês (1383) e a do Novo Testamento por Martinho Lutero (1521). A Bíblia de Genebra (1588) e a do Rei Tiago (1611) também são dignas de menção.

Em português, João Ferreira de Almeida, após ter sido convertido ao cristianismo, iniciou um projeto de tradução das Escrituras, começando do Novo Testamento – em 1644, depois de 1648 até 1676 – até chegar a Ezequiel 48:21 no Antigo, no qual trabalhava desde 1683, o que foi interrompido por sua morte, em 1691. Por problemas de revisão e gráfica, o trabalho original de Almeida teve de ser revisto e corrigido – daí ter-se a versão Almeida Revista e Corrigida. Outras versões foram surgindo, como a Almeida Revista e Atualizada, a Revista pela Imprensa Bíblica Brasileira, a Bíblia na Linguagem de Hoje (paráfrase), a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (paráfrase) e, mais recentemente, a Nova Versão Internacional e a Almeida Século 21. Diante de tantas versões disponíveis, a melhor alternativa é uma comparação entre duas ou mais delas através do constante exame de seu conteúdo<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Os mais completos e antigos manuscritos da Bíblia encontrados são o *Codex Sinaiticus* e o *Codex Vaticanus*, ambos datados aproximadamente do século IV d.C.

<sup>15</sup> Entre os estudiosos há uma contenda sobre qual o melhor fundamento de tradução do Novo Testamento, se *Textus Receptus* ou *Texto Crítico*, que têm variantes entre si que não se limi-

### 3-5. UNIDADE ORGÂNICA

Por fim, vale a menção do aspecto de as Escrituras formarem um todo, conhecido como *unidade orgânica*. Essa teoria denota as seguintes implicações:

(a) A Bíblia, de capa a capa, é fruto da mente de um único autor – Deus – ainda que haja autores humanos que a redigiram.

(b) Não se crê no Novo Testamento sem se crer no Antigo, tampouco no Antigo sem se crer no Novo.

(c) Da mesma forma, não se crê na maior parte dos livros em detrimento de uns poucos, ou mesmo de um pequeno trecho da Escritura, como um versículo.

(d) O todo da revelação de Deus ao homem, ainda que nos limites estabelecidos pelo próprio Deus, está delimitado pela Bíblia.

(e) Ainda da mesma forma, não se pode conduzir a uma interpretação da Bíblia baseada em versículos tomados de forma isolada, amarrados perante um raciocínio aparentemente lógico e simples, pois, tal como afirmado pelo apóstolo Pedro, nenhuma profecia é de inspiração particular.

(f) O assunto principal da Bíblia – ou seja, Cristo revelado – permeia todos os seus 66 livros.

(g) Tentar eliminar porções das Escrituras, ou lhes acrescentar algo fruto de raciocínio, para justificar determinadas posições ideológicas ou religiosas, é maldição.

### 3-6. OBJEÇÕES À FUNDAMENTAÇÃO DAS ESCRITURAS

O **ceticismo** e o **ateísmo** são os principais contrários à fundamentação das Escrituras. Cada qual, porém, expõe suas contrariedades baseados em particularidades como ações das personagens envolvidas na Bíblia em algo que, hoje em dia, seria moralmente condenável, ou em alguma informação aparentemente contraditória entre dois ou mais versícu-

---

tam à idade dos manuscritos e a diversas divergências de cópias, como palavras e até trechos inteiros de passagens bíblicas. Algumas correntes mais fundamentalistas alegam que qualquer tradução que não seguir o *Textus Receptus* não seria válida, pois o *Texto Crítico*, segundo eles, omitiria passagens importantes; ocorre que o *Texto Crítico* propõe ser uma revisão mais depurada do seu anterior, em que passagens não constantes da maioria dos textos antigos foram desconsideradas ou colocadas como nota de rodapé. Sem entrar em maiores polêmicas, é desejável a comparação entre vertentes diferentes de tradução, até mesmo para um esclarecimento melhor sobre passagens que suscitem alguma dúvida. Tanto um quanto outro são compilações e, portanto, têm suas falhas, que não afetam drasticamente a compreensão do texto bíblico. O testemunho do Espírito é quem dará a entender o que, de fato, é Escritura, conforme já expusemos.

los. Na verdade, o problema cético e ateu é mais de ordem subjetiva do que objetiva: é examinarem os dados na superfície partindo-se do pressuposto de que eles estão errados e de que Deus não existe. Céticos e ateus *querem* que a Bíblia esteja errada, cheia de contradições e não passe de um livro de “conto de fadas”.

Assumir uma posição partindo-se do pressuposto de que ela esteja errada é emitir um julgamento prévio, o que, por si só, é errôneo e ilógico. Contra o ceticismo, elencamos os principais argumentos que demonstram a fundamentação em verdade das Escrituras Sagradas:

**(a)** Historicamente, relata-se que mais de 500 pessoas testemunharam a ressurreição de Jesus. Embora esse dado seja narrado por Paulo na própria estrutura da Bíblia (1 Co 15:5-7), há que se confirmar, ainda, o próprio testemunho do historiador e militar judeu Flávio Josefo (37-100 d.C.), contemporâneo dos eventos da primeira vinda de Cristo, o qual se utiliza dos registros bíblicos, em especial, para narrar a história de seu povo.

**(b)** Não bastasse o testemunho escrito de milhares de manuscritos vindos de épocas próximas aos eventos históricos de Cristo na terra, a arqueologia, com frequência, traz à tona descobertas importantes que confirmam a veracidade das Escrituras.

**(c)** A preservação estrutural e literária de todo um conjunto de livros, relatos, personagens, composto em mais de 1.500 anos de história, bem como sua virtual “indestrutibilidade” que superou as encíclicas e bulas papais, guerras, perseguição, violência e tentativas propositais de adulteração, demonstram que ela não é um livro qualquer.

**(d)** O cumprimento das profecias do Antigo Testamento no Novo, de forma precisa, após 700 anos de transcurso de tempo entre a profecia e seu respectivo cumprimento, e no próprio relato veterotestamentário, abrangendo inclusive nações inteiras, como o Egito, a Fenícia, a Assíria e a Babilônia: delas nada resta atualmente a não ser evidências arqueológicas e cujas destruições foram profetizadas bíblicamente.

A narração factual de temas científicos, descobertos ou por descobrir, ignorados por autoridades das diferentes épocas – as fossas marinhas, por exemplo, que só foram descobertas em 1873, mas já eram narradas em Gn 7:11 e Jó 38:16 – demonstram que ela remete a uma inspiração superior<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Aliás, diga-se de passagem, o livro de Jó contém abundantes referências científicas, descobertas milhares de anos mais tarde. Em Jó diz-se que o ar tem peso (28:25), algo só descoberto no século XVII; a luz cria vento (38:24), fato hoje comprovado com a incidência de luz solar na superfície da Terra e que cria sistemas climáticos produtores de vento; que existe um ciclo hidrológico (38:25-30) e que a luz viaja em meio as trevas (38:19). Isaías diz que a Terra é redonda (40:22), e que há correntes marítimas ou “caminhos do mar” (43:16). Moisés, em

Dessa forma, demonstra-se que desconsiderar o testemunho bíblico não é apenas um atentado ao cristianismo e, sim, um puro ato de má-fé.

## ARTIGO IV

### CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DAS ESCRITURAS

#### 3-7. ENUMERAÇÃO DOS ELEMENTOS

##### 3-7-1. AUTORIDADE

Já falamos sobre a autoridade das Escrituras, enumerando a inspiração, a revelação e a preservação como fundamentos dessa autoridade. Esse fator é importante o bastante para se afirmar que obedecer aos ensinamentos da Bíblia é obedecer a Deus, e que o contrário também é verdade. O padrão das Escrituras é, definitivamente, verdade, nada lhe acrescentando, nada lhe retirando. Nenhum fato, presente ou futuro, irá desmenti-la, pois ela é dotada de *inerrância*, isto é, não pode conduzir seu leitor ao erro. Seu relato continua fidedigno, ainda que contenha citações vagas ou livres sobre determinado assunto.

O leitor, com a iluminação do Espírito Santo, pode seguramente ler a Bíblia contra quaisquer evidências históricas, científicas, lógicas ou naturais e, parafraseando Jonathan Edwards, “contra si mesmo”.

##### 3-7-2. SUFICIÊNCIA

Esse aspecto indica que a Bíblia confere ao seu leitor tudo o que ele pode saber a respeito da palavra de Deus sobre determinado tema, nos limites da revelação divina, sem que seu entendimento fique, de forma alguma, prejudicado.

Diversas implicações práticas advêm do aspecto suficiência:

**(a)** Quaisquer “evidências externas” sobre o caráter de Deus ou sua obra, que confrontem com a revelação bíblica, devem ser objeto de oposição. O que passar disso é falsa profecia e, portanto, heresia.

---

Levítico, já dizia que a vida da carne está no sangue (17:11), sendo que até o século XIX usava-se erroneamente da “transusão total de sangue” para acabar com as doenças, o que se provou cientificamente falso. Em Gênesis ele diz que as estrelas são inumeráveis (22:17), o que se comprova pelo espantoso número científico de 100 bilhões de galáxias e – estimado – de  $10^{21}$  (dez sextilhões) de estrelas nelas inseridas, se contadas apenas as visíveis e ainda assim com os mais potentes telescópios já fabricados pelo homem.

**(b)** Nenhum homem está autorizado a dizer que essa ou aquela conduta é pecado, além dos limites definidos pela própria Escritura. O que passar disso é legalismo.

**(c)** A ênfase do leitor deve estar naquilo que a Bíblia enfatiza, não em questões secundárias ou obscuras. O que passar disso é alimento para os interesses da natureza pecaminosa e carnal do ser humano.

Ir além da suficiência bíblica produziu historicamente erros trágicos, dentre eles a desnecessária formação de milhares de denominações protestantes.

### 3-7-3. CLAREZA

A Bíblia é suficientemente clara para ser parte da vida de qualquer pessoa, seja ela simples ou erudita, conquanto esteja disposta à sua leitura e, principalmente, haja a atuação do Espírito Santo, de modo a remover os obstáculos do entendimento humano, contaminados pelo pecado. Essa clareza, entretanto, não tende a suprimir, necessariamente, pontos de conflito quanto à interpretação de determinados textos bíblicos. A concordância se dá, sobretudo, na essência dos ensinamentos bíblicos, não em assuntos particulares.

Uma consequência prática dessa característica é o fato de a Bíblia poder ser ensinada e útil para o aprendizado de qualquer pessoa. Outra, já mencionada, é a de que nenhum homem ou autoridade eclesiástica tem a autoridade suprema para dizer como se interpreta esse ou aquele trecho das Escrituras, vez que isso é obra do Espírito Santo.

### 3-7-4. NECESSIDADE

Intimamente, o cristão entende a necessidade da Bíblia. A argumentação negativa traz uma melhor compreensão, do seguinte modo:

**(a)** Sem a Bíblia não se conhece o Evangelho e, conseqüentemente, não há salvação por meio de Cristo, por se desconsiderar a palavra que testifique a vontade de Deus para o homem.

**(b)** Sem a Bíblia não há sustento espiritual para o homem, tampouco respostas às suas indagações.

**(c)** Sem a Bíblia não há como se conhecer, com segurança, o que é a vontade de Deus e, em última análise, sobre qualquer coisa, visto que seu autor (Deus) conhece a respeito de tudo.

Desse modo, a Bíblia comprova ser um elemento fundamental da vida do cristão, indispensável. Um verdadeiro tesouro à disposição de quem se empenha em esquadrihá-la.



### 3-8. OBJEÇÕES ÀS CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DAS ESCRITURAS

As objeções a essa doutrina têm origem mais evidente no **ceticismo** e no **papismo**: o primeiro, pela primazia da razão; o segundo, pela confidência da autoridade a determinado homem, isto é, uma autêntica *usurpação do papel do Espírito Santo*.

Quanto à **autoridade**, um frequente ataque é a de que existe um “argumento circular”, em que a Bíblia é a Palavra de Deus por dizer ser a Palavra de Deus. Tanto céticos como papistas, com isso, negam o *Sola Scriptura* (“Só a Bíblia”), defendido pelos cristãos. Ocorre que a Bíblia não apenas *diz*, mas *demonstra ser* a Palavra de Deus, admitida como único parâmetro infalível de autoridade em matéria de fé. Além do mais, *a contra-argumentação deles também é um raciocínio circular*, como se enunciassem: “desdenho do parâmetro ‘Bíblia pela Bíblia’ por ter outro, chamado ‘Igreja pela Igreja’ ou ‘Papa pelo Papa’, ou ‘razão pela razão’”. Ou seja, ataca-se o *Sola Scriptura* com outro fundamento, equivalente, de exclusividade.

Quanto à **suficiência**, o comportamento aditivo das seitas clama pela “Bíblia e mais alguma coisa”, como um livro interpretativo, opinião conciliar ou mesmo a “Tradição e o Magistério da Igreja”, no caso dos papistas. Nenhuma encíclica, bula, *ou mesmo Confissão de Fé protestante*, deve ser colocada como meio infalível ou mesmo inerrante de interpretação das Escrituras.

Quanto à **clareza**, o ataque provém de circunstâncias mais internas à igreja protestante. Fere-se o papel de pessoas tidas por leigas, isto é, que não possuam formação acadêmica, para poder ensinar a Bíblia nas igrejas. Ocorre que ser estudioso da Bíblia está ligado ao dom espiritual de ensino (Ef 4:11), não a um título acadêmico; a ênfase exagerada no academicismo está ligada a um comportamento legalista. Tampouco é necessário aprender os idiomas originais para saber interpretar corretamente a Bíblia, embora seu estudo seja importante e desejável para um maior aprofundamento.

Quanto à **necessidade**, o ataque provém de argumentos que enfatizam os meios externos de se conhecer Deus, seu caráter e suas leis morais, sem que, necessariamente, se recorra à Bíblia. Acontece que a Bíblia não clama ser a única autoridade para esses assuntos, senão a *única infalível* a esse respeito; afinal, os céus e a terra proclamam a glória de Deus.

## ARTIGO V

### ATIVIDADES COMPLEMENTARES

#### 3-9. PASSAGENS BÍBLICAS PARA ESTUDO DESTE CAPÍTULO

Selecionamos, a seguir, as passagens mais relevantes para a compreensão dos assuntos tratados por este capítulo. Há diversas outras, mas não pretendemos ser exaustivos nessa relação. Localize-as na sua Bíblia.

ARTIGO	PASSAGENS
I	Lc 10:22; Rm 1:18, 3:10-11
II	Êx 31:18; Dt 10:4; 31:24-26; 1 Co 12:10; Hb 1:1-2; Ap 22:18-19
III	2 Sm 23:2; 1 Rs 18:31; 2 Rs 20:4; Jr 1:9, 14:1, 33:1; Ez 22:1; 25:1; 33:1; Ag 2:1, 10; Zc 7:1; Lc 1:38; 1 Ts 2:13; 2 Tm 3:16; 2 Pe 1:20; 1 Jo 5:10
IV	Nm 23:19; Dt 6:6-7, 12:32, 29:29, 32:47; Sl 119:89, 130, Jo 17:17; Rm 10:13-17, 15:4

### 3-10. QUESTÕES PARA DEBATE OU REFLEXÃO PESSOAL

- (a) Qual a principal razão pela qual somente os crentes têm acesso à revelação específica da parte de Deus?
- (b) Qual a importância de o cânon bíblico ter sido fechado?
- (c) É necessário que cada palavra seja transcrita na tradução para que as cópias da Bíblia sejam rigorosamente válidas?
- (d) Qual a importância de se ater a aspectos essenciais das Escrituras?

### 3-11. ESTUDO INDUTIVO

1. Com base nos comentários já relatados, complete as lacunas a seguir.
- (a) “Palavra de Deus” pode ser entendida como o \_\_\_\_\_ Encarnado ou como a comunicação \_\_\_\_\_ proveniente de Deus.
- (b) Cânon vem do termo hebraico que significa \_\_\_\_\_, como um instrumento de medida para estabelecer o \_\_\_\_\_ do que é ou não bíblico.
- (c) Três são os critérios da fundamentação bíblica: a \_\_\_\_\_, em que o Espírito faz o homem receber suas palavras; a \_\_\_\_\_, em que Deus garante a transmissão da Bíblia pelas gerações; e a \_\_\_\_\_, em que a Bíblia tem um único autor, de capa a capa.
- (d) Entende-se por \_\_\_\_\_ o aspecto bíblico em que Deus deu todo subsídio necessário para o entendimento humano sobre certo assunto. A Bíblia, ao demonstrar inerrância, confere a si mesma \_\_\_\_\_.

2. Leia o Salmo 119, reparando na identidade entre os termos “lei”, “preceitos”, “estatutos”, “juízos”, todos eles com referência à “Palavra” divina.

### 3-12. LEITURA BÍBLICA OBRIGATÓRIA

Continue a leitura da semana passada, conforme você vem fazendo. A seleção de passagens procurou ser criteriosa, de modo que em cada dia você leia, em média, 4 capítulos. *Não faça leituras parciais*: cumpra todo o programa reservado para aquele dia.

## CAPÍTULO 4

### O CONHECIMENTO DA CRIAÇÃO

ASSUNTO	FINALIDADE
Examinar a posição cristã, única verdadeira, sobre a criação e a providência de Deus.	Conhecer como ocorreu a criação do mundo visível e invisível, bem como sobre a própria natureza do homem e a providência divina.

### ARTIGO I

#### A PROVIDÊNCIA DIVINA

#### 4-1. CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS

##### 4-1-1. CRIAÇÃO E PRESERVAÇÃO

Já foi comentado que Deus é dotado do atributo da autossuficiência, isto é, ele continuaria a ser Deus, ainda que nada fosse criado e que ele não precise de quaisquer de suas criaturas. O universo, tanto o visível quanto o invisível, só são possíveis por conta da ação divina. Em conformidade, ademais, com a posição bíblica teísta, Deus se relaciona com sua criação, não a relegando ao acaso ou dela permanecendo distante e impassível. Ao se relacionar com sua criação, Deus demonstra que pode governá-la soberanamente e preservá-la com suas propriedades originais: a esses fatores dá-se o nome de providência.

Criação e preservação, entretanto, não se confundem. Criar é chamar à existência aquilo que não existia – ou “do nada fazer algo” – e preservar é fazer continuar aquilo que já existia.

Preservar também carrega o sentido de sustentação: consequência desse pensamento é que, além do envolvimento de Deus com toda e cada criatura, a vontade divina é a responsável pela continuidade da vida, tal como ela foi criada. É impróprio dizer que Deus esteja continuamente criando: cada átomo ou partícula subatômica existente no universo *já existe*, e não será criada mediante intervenção do homem em laboratório; daí poder se afirmar que o fundamento do método científico é a providência divina, pois somente através da providência é que os experimentos científicos darão o mesmo resultado em quaisquer épocas nas quais for praticado ou repetido.

Por fim, cabe dizer que não compete ao homem sequer supor a maneira como Deus criou e preserva todas as coisas criadas. Deus é o único Ser totalmente livre do universo, detentor dessas prerrogativas de criação e preservação; o único, portanto, detentor de *livre-arbítrio*.

#### 4-1-2. GOVERNO

Deus, além de criar e preservar, age continuamente sobre cada decisão que envolva suas criaturas. Esse é o exercício do governo divino, justo e soberano. Até mesmo sobre assuntos aparentemente aleatórios, como jogar dados ou o bíblico “deitar sortes”, todos eles estão submetidos à vontade divina. Homens justos e ímpios, nações onde haja temor e onde não haja temor a Deus, ações de anjos ou de demônios, ações individuais ou coletivas: nada escapa ao controle absoluto e soberano divinos. Negar esse controle é duvidar da infinitude e da onipotência de Deus.

#### 4-1-3. COOPERAÇÃO

Nesse sentido, cumpre esclarecer: Deus age como *causa primária* no governo de todas as coisas; todavia, as ações secundárias, promovidas pelas criaturas, são reais e têm consequências igualmente reais. Tanto o mundo físico quanto o sobrenatural são reais, permeados por criaturas reais que tomam decisões voluntariamente, ainda que essas decisões estejam baseadas num controle divino soberano. Assim concilia-se, por exemplo, a soberania de Deus com a responsabilidade humana: negar o primeiro aspecto é tarefa do deísmo, tanto quanto negar o segundo traria problemas à própria ideia de liberdade, ensinada pela Bíblia. A esse tratamento da vontade da criatura dá-se o nome de cooperação.

Sendo causa primária de todas as ações no universo, alguém poderia até supor, em tese, que Deus fosse a causa do mal. É inegável a realidade do mal, sobretudo pelas ações de homens iníquos ou dos próprios demônios; a crucificação de Cristo é tida como “o auge do mal na História”. Deus, entretanto, *não é a causa primária do mal*, pois isso seria contrário à sua própria natureza boa, perfeita e da qual emana a justiça; ele, no entanto, pode autorizar a prática de decisões voluntárias de suas criaturas, inclinadas ao mal, para atingir propósitos que se revelem bons, para a sua glória e para o bem daqueles que o temem. Esses atos geram resultados reais. Para tudo Deus tem um propósito, até o ímpio para o dia do mal, segundo a afirmação de Salomão (Pv 16:4). Isso permite, inclusive, que as ações voluntárias más das criaturas sejam, ao final, julgadas por Deus com justiça, pois, ao contrário do que enunciava Maquiavel, “os fins não justificam os meios”.

Consequência disso é fazer três afirmativas categóricas: *o mal está sob o controle de Deus; todas as ações no universo têm uma causa predefinida; e, por consequência, não existem criaturas que estão além do controle de Deus.*

O governo absoluto divino indica segurança de que Deus está no controle de tudo, e de o homem pode – e deve – agir, dotado de **livre agência**, isto é, de capacidade de decidir *com causa anterior ao seu ato*, ainda que cada ato passe pela autorização de Deus para vir a acontecer. Confiança e gratidão devem permear a relação entre a criatura e o Criador, visto que ela não tem visão plena sobre todos os eventos, mas sabe que há um Deus agindo sobre cada fato ou ato do mundo real.

#### 4-2. OBJEÇÕES À PROVIDÊNCIA DIVINA

As principais objeções sobre a doutrina da providência divina vêm das concepções **deísta** e **materialista**: aquela, por negar a influência divina na criação, e esta por alegar que a matéria, por si só, é dotada de vida, sem que haja intervenção divina para tanto. As crenças supersticiosas, que lidam com o acaso, também negam a possibilidade de um Deus que intervenha em todos os acontecimentos de forma soberana, sem que algo não fique entregue à álea em favor do homem.

Dentro do cristianismo, porém, com forte influência humanista e racionalista, os majoritários **remonstrantes (arminianos, pelagianos e semipelagianos)** são os que mais se insurgem contra o que foi dito a respeito do governo divino sobre a criação e, principalmente, quanto ao papel do homem na tomada livre de decisões. As principais teses remonstrantes divulgadas contra a soberania, a providência e o governo divinos são as seguintes:

(a) Se as ações humanas não forem permeadas por um livre-arbítrio, no qual Deus escolha não intervir, então não ocorrem ações livres; logo, *Deus seria o autor do pecado e, conseqüentemente, do mal.*

(b) Se as ações humanas já estão, em última análise, dentro da concepção de Deus como causa – tanto faz primária como secundária – *então não adianta fazer o bem, ou manter-se santo, ou mesmo agir em prol da mudança do mundo, pois Deus teria de autorizar esses atos.*

Ambas as concepções já foram respondidas no item anterior (4-1) e ao longo da exposição<sup>17</sup>. Afinal, Deus, em seu propósito soberano, exerce controle total e absoluto, até mesmo em transformar o mal em bem – atuando sobre causas primárias e secundárias, portanto – sem ser o autor do mal. Evitar pensar dessa maneira é admitir a possibilidade de o ser humano agir com algum tipo de bondade, sendo que o apóstolo Tiago diz, categoricamente, que toda boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto (Tg 1:17) e que, segundo Paulo, todos pecaram (Rm 3:23) e que não há um justo sequer, que faça o bem (Rm 3:10). Homens maus não produzem boas obras.

Ademais, conforme desenvolveremos mais adiante, **o livre-arbítrio**, tal como ensinado pelos remonstrantes como uma decisão que a criatura tomaria *sem causa anterior* que lhe autorize o ato, **não passa de um mito**, dada sua incompatibilidade diante da divina providência e do governo absoluto e soberano de Deus<sup>18</sup>.

## ARTIGO II

### A CRIAÇÃO DAS COISAS VISÍVEIS

#### 4-3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

##### 4-3-1. PROPÓSITO DIVINO NA CRIAÇÃO

Deus fez do nada algo: essa é a primeira lição bíblica sobre o assunto. Tudo, exceto Deus, portanto, é criatura, e jamais deve ser colocado no patamar do criador, em especial para fins de adoração ou culto. Outra inferência é dizer que toda a matéria existiu desde o momento em que

<sup>17</sup> Trataremos no Capítulo 5 a respeito do tema: “a oração e a soberania de Deus”.

<sup>18</sup> Aliás, a própria Ciência já desmentiu a noção de “livre-arbítrio”. Para ela, as decisões tomadas pelo homem necessariamente têm uma causa anterior – no caso, leis físicas, segundo a explicação científica – e que as decisões ora tomadas vieram antes mesmo da consciência pensar em praticar o ato. Isso cria a ilusão de que a pessoa toma decisões baseadas exclusivamente em suas próprias escolhas racionais, o que não é verdade.

Deus a criou, realizando seu trabalho de criação, ainda, de modo instantâneo e imediato. Se tudo, exceto Deus, é criatura, pode-se dizer o mesmo dos eixos espaço e tempo; assim, como já dito, Deus não se submete a espaço, nem tempo, para exercer sua soberania<sup>19</sup>.

Deus criou o universo com uma finalidade: revelar sua glória para a criação, através da criação, demonstrando algo relacional entre criador e criatura. A criação depende de Deus para existir; Deus, embora não dependa de nada, se relaciona de perto com sua criação – o que, por si só, afasta as concepções deísta e panteísta, mencionadas no Capítulo 1. Esse ato de criação, segundo o juízo de valor divino, foi bom. O ato de criação, em si, dependeu do livre-arbítrio divino: ele poderia ter criado como não ter criado, e continuaria a ser Deus, da mesma forma como sempre o foi.

#### 4-3-2. OBJEÇÕES AO CRIACIONISMO BÍBLICO

A principal objeção à forma como a Bíblia fala a respeito de criação vem das seguintes vertentes:

**(a) Evolucionismo científico:** com fundamento no secularismo e no ateísmo, a proposta evolucionista é buscar explicar a origem do universo a partir de uma partícula ultracondensada que explodiu através do chamado “Big Bang”, causando a expansão da matéria por todos os lados. Quanto à criação, a vida na Terra, além de ter surgido do espaço, sofreu, ao longo das eras, numerosas mutações a fim de se adaptarem às condições viabilizadoras de manutenção de vida, num processo conhecido como “seleção natural”. Nisso não há propósito envolvido – ainda mais de alguém inteligente, com força criadora – sendo tudo relegado ao acaso.

**(b) Evolucionismo teísta:** procurando conciliar o teísmo com o evolucionismo científico, que teve impulso a partir de 1859 com a publicação do livro *A origem das espécies* por Charles Darwin – e por isso também conhecido como *darwinista* –, essa teoria admite o processo evolucionista, desde que com intervenção divina. Dizem, ainda, que a Bíblia não explica “como” se deu a criação, o que seria respondido pelo evolucionismo científico.

Contra essas correntes, são numerosos os argumentos:

**(a)** A “seleção natural” darwinista é inclinada à sobrevivência das espécies, não como comprovado pela própria ciência, que demonstra a preservação da capacidade genética entre as espécies por meio da autên-

---

<sup>19</sup> A própria referência temporal, que guia o relato da criação, está presente na primeira frase da Bíblia: “No princípio”. O tempo “antes do princípio” é chamado pela Bíblia de “antes da fundação do mundo”.

tica seleção natural. Além do mais, a seleção natural darwinista clama que somente os mais fortes sobrevivem, sem explicar, no entanto, que diversas características de criaturas “menos fortes” sobrevivem, sem passar por qualquer transformação.

(b) Mutações aleatórias não originam estruturas complexas, como, por exemplo, um olho.

(c) Fósseis indicam a existência de criaturas que atualmente se encontram extintas, mas não apontam as chamadas “espécies intermediárias”, necessárias para explicar o processo evolutivo. O “elo perdido” continua perdido, ainda mais se a referência é a suposta “evolução humana”.

(d) A enorme divergência de formação celular entre as espécies afasta a pretensão darwiniana de explicar a “ancestralidade comum” entre algumas delas. Afinal, como explicar que haja mais semelhanças genéticas entre um homem e um porco, do que entre um homem e um primata? Ou que haja criaturas biologicamente menos desenvolvidas do que o homem, mas com material genético mais amplo e complexo do que o próprio ser humano?

(e) O argumento sociopsicológico não pode ser usado para dizer que o homem tenha superioridade em relação aos demais seres vivos, animais ou vegetais, visto que até para a cura de doenças os próprios animais e vegetais são diariamente estudados em suas propriedades.

(f) É improvável que um evento, seja ele cósmico ou restrito ao ambiente da Terra, tenha se originado pelo arranjo aleatório de moléculas e energia, ainda que se suponha a obediência a uma ordem interna de arranjo energético. Já vem sendo admitida a *Teoria do Design Inteligente* (TDI) que, embora não seja uma tentativa de dizer que “Deus é esse designer”, é algo que demonstra a existência de alguém por trás da criação planejada do universo.

Lamentavelmente, o criacionismo bíblico é tratado com ares de superstição, como se fosse fruto de uma crendice elaborada por uma cultura humana atrasada e, por isso, erradicado dos livros didáticos, todos eles tratando a teoria da evolução – mera teoria – como se *dogma* fosse. Ao acreditarem dessa maneira, os cientistas evolucionistas fazem uma “não ciência”, visto que a verdadeira ciência não crê no absoluto, usando-a para justificarem suas posições claramente ideológicas contra o teísmo e a concepção de uma Divindade criadora dos céus e da terra.

O evolucionismo, tal como ensinado, relativiza a importância da vida humana, tornando a criação, em última análise, como obra do acaso, e que todo tipo de valores – em especial os morais – são relativos, posto que não haja um Juiz que os julgue. Indo mais além, o evolucionismo, por meio de sua equivocada interpretação da “seleção natural”, é uma teoria



que embasa a ideia racista de homens mais fortes dominando sobre homens mais fracos. Sem falar que a vida humana, com ampla influência da concepção evolucionista, é relegada ao segundo plano, no mesmo patamar de animais e vegetais, a ponto de organizações protegerem direitos de determinadas espécies, como o capim e as baleias, e apoiarem, ao mesmo tempo, a legalização irrestrita ao aborto humano.

#### 4-4. CRIAÇÃO E O RELATO BÍBLICO SEGUNDO GÊNESIS

##### 4-4-1. ASPECTOS ESSENCIAIS

O relato elaborado por Moisés em Gênesis sobre a criação é alvo de bastante controvérsia – esta, sobretudo, por influência científica – que alega a virtual impossibilidade de conciliação entre os processos de criação e o relato bíblico. Alega-se, em especial, que os eventos, conforme apresentados pelo relato bíblico, são impossíveis se comparados a determinadas descobertas científicas já consolidadas.

Segundo o relato bíblico de Gênesis 1, essa foi a ordem de acontecimentos:

DIA	VERSÍCULOS	EVENTOS
1º	3-5	Criação da luz cósmica Criação do dia e da noite (separação entre luz e trevas)
2º	6-8	Expansão no meio das águas Separação entre águas superiores e águas inferiores <sup>20</sup> Criação dos Céus
3º	9-13	Ajuntamento das águas debaixo dos céus Surgimento da porção seca (terra) e dos mares Surgimento da vegetação (erva verde e árvores)
4º	14-19	Surgimento da luz do Sol, da Lua e das estrelas <sup>21</sup>
5º	20-25	Criação dos répteis e peixes nas águas, e de aves para povoar os céus Criação de répteis, gado e animais selvagens na terra
6º	26-31	Criação do homem Sujeição das criaturas viventes ao domínio do homem

<sup>20</sup> O termo hebraico para “águas” também serve para designar qualquer tipo de fluido.

<sup>21</sup> Gênesis não diz que eles foram criados nesse momento, e sim que a luz deles surgiu.

Note-se: a ordem partiu do cosmo para a Terra; na Terra houve um trabalho de criação à parte do cosmo; e a vida surgiu de compostos inorgânicos para orgânicos, em crescente complexidade, até se chegar ao homem que, das criaturas, é colocado em posição de supremacia.

#### 4-4-2. QUESTIONAMENTOS SOBRE O RELATO

Devido à síntese de acontecimentos que Moisés faz em Gênesis, são diversos os questionamentos levantados sobre o alcance e implicações que envolvem a criação:

**(a) Pode-se considerar histórica a narrativa de Gênesis?** De acordo com a interpretação bíblica, em que o texto deve ser lido conforme o contexto em que é apresentado, o relato bíblico de Gênesis não pode ser tido como místico, mítico, alegórico ou filosófico, e sim como *histórico*. A revelação divina é a responsável direta pela elaboração do livro, e nada impede de que Deus tenha revelado a Moisés as coisas conforme aconteceram em tempos antes da fundação do mundo.

**(b) Os dias da criação são literais?** Sendo histórico o relato de Gênesis, as chances de os dias da criação serem literais, de antemão, podem ser considerados assim. As indicações do texto apontam para dias literais: “dia” é o período entre tarde e manhã; o sábado de descanso do Senhor é contado em Gênesis e Êxodo como um período de 24 horas, sem dar a entender que esses dias seriam “eras” ou “períodos prolongados de tempo”<sup>22</sup>.

**(c) Como explicar a existência de registros fósseis de animais extintos à luz do relato da criação, caso, por exemplo, dos dinossauros?** É perfeitamente possível que Deus tenha criado animais destinados à morte, até mesmo para formar combustíveis fósseis que pudessem desencadear os eventos da civilização atual. Acaba sendo especulação tratar se os dinossauros existiram antes do Dilúvio, por exemplo.

**(d) A Terra é antiga, com 4,5 bilhões de anos, ou bem mais jovem?** Considerando que a criação possa ter-se dado em tempo muito menor do que as chamadas eras geológicas, é de se supor que a Terra seja bem mais jovem do que esse período de tempo. Especula-se que ela tenha não mais do que 10.000 anos, mas esse dado é meramente conjectural<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> A sequência dos acontecimentos não autoriza a interpretação de que os dias, na verdade, seriam “eras”, tal como a Ciência os enuncia. Afinal, a luz do sol vem depois da formação dos vegetais, não antes, dentre outros exemplos extraídos da comparação entre as eras e o relato bíblico.

<sup>23</sup> Os judeus datam a criação do mundo em 3761 a.C. O arcebispo James Ussher (1581-1656) foi mais além, datando o início da criação no domingo, 23 de outubro de 4004 a.C.

## ARTIGO III

## A CRIAÇÃO DAS COISAS INVISÍVEIS

## 4-5. ANJOS

A realidade do mundo espiritual impõe que haja discernimento sobre as criaturas de Deus que nele habitam. Evidentemente não seria necessário que todas as criaturas fossem visíveis, até mesmo porque Deus é espírito, invisível aos olhos humanos. Dentro dessa categoria estão os anjos, criaturas celestiais desprovidas de corpos físicos, mas que têm inteligência, vontade e senso moral, criados originalmente como santos e bons.

Na Bíblia são numerosas as citações de anjos que intervêm na criação: isso demonstra que o crente não deve ignorar sua existência, bem como as formas com as quais Deus os usa para operar nos eventos da humanidade.

Os principais nomes de anjos na Bíblia são *querubins*, *serafins* e *seres viventes*. Querubins guardaram as portas do Éden; são eles os retratados na Arca da Aliança; acima deles Deus está entronizado. Serafins louvam a Deus continuamente, e são descritos em Isaías como seres com “seis asas; com duas cobriam os seus rostos, e com duas cobriam os seus pés, e com duas voavam” (6:2) Outros são denominados de seres viventes, representados na Bíblia com expressões de criaturas poderosas (leão, boi, homem e águia).

Os anjos, portanto, são dotados de atributos para o exercício de determinadas tarefas, o que se traduz por “dons” para os seres humanos: seja de louvor, de proteção aos homens – e em especial às crianças –, de profecia, de guarda, influência na mente humana ou em combate, eles têm presença bem atuante no Reino de Deus. Por terem senso moral, podem glorificar ao Senhor de modo livre e, também, têm capacidade de pecar. Há hierarquia celestial, embora ela não seja claramente revelada – afinal Miguel é arcanjo de Deus, o que demonstra que ele foi posto em posição de autoridade.

Embora sejam criaturas celestiais, os anjos não têm atributos divinos como a onisciência e onipresença, tampouco eles devem ser adorados<sup>24</sup>, e suas aparições – e dizeres – devem ser analisados com prudência. Seu exemplo de envolvimento com o Reino, compromisso, sabedoria e fidelidade a Deus, no entanto, devem ser exemplo para o homem.

---

<sup>24</sup> Os **papistas** adoram anjos em duas principais formas: canonizando-os, como São Gabriel e São Miguel Arcanjo; ou dirigindo-lhe preces, como é o caso do “Anjo da Guarda”. A Bíblia não menciona anjos protetores individualizados a cada ser humano; essa figura remete aos deuses guardiães, presentes na religiosidade romana antiga.

## 4-6. DEMÔNIOS

Ao lado dos anjos, a Bíblia menciona os demônios. A primeira referência bíblica aos demônios encontra-se no próprio Gênesis, sugerindo-se entre Gn 1:31 e 3:1 uma série de eventos que desencadearam rebelião celestial, envolvendo criaturas invisíveis. Conforme já dissemos, os anjos são dotados de senso moral e, portanto, capazes de pecar, o que Judas menciona ao dizer que alguns deles “não guardaram o seu estado original” (v. 6).

A diferença básica entre os ímpios humanos e os demônios é que estes não terão quem lhes pague pela redenção eterna, ao contrário dos eleitos dentre os homens outrora ímpios, que virão a ter em Jesus seu redentor. Todo anjo caído, portanto, é destinado ao inferno, sem exceção.

O chefe dos demônios atende pelo nome de Satanás, também chamado de Diabo<sup>25</sup>, a quem são conferidos outros nomes como “Belzebu”, “serpente” ou “maligno”. O termo “satanás” vem do hebraico “adversário”, visto que é tarefa dos demônios oferecer todo tipo de resistência à obra divina. As táticas malignas para que seja praticado o mal atingem o ser humano em especial na mente, visando afetar seu testemunho e convicções para, também, tornar-lhe inútil e decaído de sua natureza originalmente apresentada por Deus na criação.

A atividade dos demônios teve maior evidência nos tempos e na presença de Cristo, por razões inclusive óbvias: era plano do Diabo que a redenção não fosse consumada, e diante do próprio Deus os demônios temem e tremem. A ação demoníaca, no entanto, ainda que tenha originado o pecado e pela qual o pecado foi sugerido a Adão, encontra seus limites. Eles não vão além do que o Senhor permite, inclusive para tentar alguém, tampouco são dotados de poderes adivinhatórios, ainda que possam observar o ser humano em suas atividades e, assim, tomar atitudes más. Nem toda atividade má, entretanto, provém do Diabo: o homem, responsável que é por sua conduta, pode praticar ações más originadas de seu pecado, sob a influência ou não de Satanás. Desconsiderar suas atitudes e existência, então, é um terrível engano por parte do homem.

A influência demoníaca pode-se dar externamente por meio da *opressão*, em diversos estágios de intensidade, ou internamente pela *possessão*, sendo que esta última não atinge os crentes autênticos em Jesus. Somente com discernimento espiritual é que se pode detectar a presença de atividade demoníaca em alguém e, nesse sentido, todo crente é autorizado pelo próprio Senhor Jesus a repreender e expulsar os demônios eventualmente pre-

---

<sup>25</sup> Diabo, do grego Διάβολος (*diabolos*), traduzido como difamador ou caluniador. Diabo é um só, não existindo “diabos”, pois no grego os termos διάβολος e δαίμων (*daimon*) = demônio) não se confundem.

sentes, pois estes têm sobre si autoridade delegada por Deus sobre todos os demônios. Isso demonstra claramente que Satanás ainda que, como criatura invisível, seja mais forte do que nós, ele pode e deve ser resistido.

A derrota definitiva de Satanás teve início na morte de Cristo na cruz do Calvário, pois Deus expôs os principados e potestades demoníacos ao desprezo, por meio do triunfo na cruz. No fim dos tempos, Satanás e seus anjos serão julgados e condenados, precipitados no lago de fogo e enxofre e atormentados, pelos séculos dos séculos.

#### 4-7. BATALHA ESPIRITUAL: ÊNFASE BÍBLICA E ESPECULAÇÕES

Embora não dê ênfase evidente, a Bíblia demonstra que há uma batalha espiritual em curso, na qual todo ser humano, direta ou indiretamente, está envolvido. Conforme já aprendemos, ir além das Escrituras é erro, e dar ênfase exagerada àquilo que não é enfatizado pela Bíblia produz uma série grande de especulações e, conseqüentemente, heresias.

O papel do cristão nesse mundo é de combate **interno** e **externo**. *Interno*, pois ele carrega ainda uma natureza pecaminosa que, constantemente, afeta sua santidade e propósito de se parecer mais com Cristo, a cada dia; *externo*, pois são muitos os ardis de Satanás contra a vida do crente e o meio em que ele se coloca. Isso, por si só, já demonstra um contexto de batalha.

A Bíblia, no entanto, não ensina que o crente “abra uma legalidade” em sua vida para permitir a ação do demônio, tampouco que este herde maldições de seus antepassados – fenômeno da “maldição hereditária” – e, por isso, os demônios possam operar livremente em sua vida. O ensino bíblico demonstra que ele já é guardado pela ação do Espírito Santo, tendo sido quebrada toda maldição, de uma só vez, sobre sua vida. As ações do crente devem ser voltadas à propagação do Reino de Deus sobre a terra, numa clara mensagem de arrependimento e conversão e, *nesse contexto*, agirem contra as hostes demoníacas: para tanto ele é revestido da armadura de Deus. Ao final, ademais, o crente triunfará com Cristo sobre toda obra maligna.

Especulações, além da relatada “abertura de legalidade”, bem como a de divisão em três níveis de batalha espiritual, de dois reinos distintos, de “demônios territoriais” e de supostas “estratégias” (táticas) para debelar os ataques do Diabo são, na verdade, meios para dissuadir o próprio crente do real sentido de batalha. Elas tratam o Diabo e seus demônios, aqui, como dotados de “superpoderes”, que efetivamente rivalizariam com Deus em praticamente pé de igualdade. Esses ensinamentos remetem ao **dualismo**, sobre o qual já falamos, o que tem fundo herético e, portanto, fazem parte de uma real tática maligna de “guerra psicológica” contra a Igreja de Cristo.

## 4-8. OBJEÇÕES À NATUREZA E PAPEL DAS CRIATURAS INVISÍVEIS

As principais objeções encontram-se nos credos não cristãos, motivados por vezes em lendas e mitos sobre o papel real dos seres angélicos; afinal, lançar ao etéreo uma série de especulações é algo convidativo para a mente dos incautos. Ao passo que a grande maioria dessas crenças nega o Espírito Santo – e, por consequência, o próprio Deus –, praticamente todas elas têm criaturas invisíveis que atuam com distinção.

O **espiritismo** dá ênfase aos espíritos guias, com os quais certas pessoas – segundo creem – se comunicam, através do “dom” da mediunidade ou da canalização. Alegando que “vem para ajudar o homem”, esses supostos espíritos guias trazem, em suas palavras, conceitos que os aproximam do pai da mentira (Diabo) e os colocam como, efetivamente, demônios: eles negam a Cristo, a necessidade de salvação, a existência do pecado, a importância fundamental do arrependimento, além de afirmarem que os homens são deuses e, portanto, devem desenvolver sua mediunidade. Suas práticas são ocultistas, pois envolvem consulta de espíritos e comunhão constante com os mesmos, além de rituais, como no chamado “baixo espiritismo” (umbanda, quimbanda e candomblé, por exemplo).

O **ceticismo** – mais uma vez – procura trazer dúvida a respeito da ação dos demônios na vida de alguém, alegando que se trata, apenas, de doença psíquica ou física, como a epilepsia ou acessos de loucura. Acontece que demônios podem causar esses males – Jó foi ferido por Satanás em todo seu corpo com chagas – e Jesus demonstra, em diversas libertações de demônios, a ação do mal sobre indivíduos, que recobram instantaneamente a consciência ou a função prejudicada pela ação demoníaca, como a visão ou a fala.

Há religiões, como a **Nova Era**, que negam a existência do inferno e a ação de demônios; outras, como a **Legião da Boa Vontade**, chamam Satanás de “irmão”. Sem fundamento sólido, são muitos os que se voltam contra o ensino claro das Escrituras sobre anjos e demônios.

## ARTIGO IV

### A CRIAÇÃO DO HOMEM

#### 4-9. ORIGEM E NATUREZA HUMANA

Segundo o relato de Gênesis, o homem foi criado ao sexto dia da criação do mundo, a partir do pó da terra, ao qual foi inculcido o fôlego da vida, diretamente por parte de Deus – aliás, a criação do homem é a única, dentre todas, narrada com detalhes. A Bíblia também afirma que o homem foi

criado *totalmente bom, sem pecado, imortal*, à “imagem e semelhança de Deus” (*imago Dei*), o que lhe confere posição de destaque e da mais alta honraria, perante a criação. Essa semelhança se reflete nos aspectos **moral, espiritual e mental**: moral, pois a cada ato humano está atrelado um senso e prática de responsabilidade; espiritual, pois o ser humano tem espírito, além do seu corpo físico; e mental, pois ele é dotado de raciocínio lógico. São numerosas as razões para se afirmar: *o homem não é um animal, e sim uma criatura absolutamente diferenciada no mundo natural*.

A natureza humana também é complexa. Formando uma unidade global, ela é definida pelos elementos *corpo* (parte material) e *espírito* (parte imaterial), sendo a *alma* a identidade humana criada – não herdada<sup>26</sup> nem preexistente<sup>27</sup> – envolvida com ambos o espírito e o corpo, de modo que ela, se retirada do corpo, faz com que não haja mais vida física<sup>28</sup>. Espírito e corpo, por consequência, se afetam mutuamente, tornando a alma sã ou doente.

Por fim, cabe dizer que Deus criou o primeiro homem, Adão, já em idade adulta, e de uma de suas costelas criou uma auxiliadora idônea, por este chamada Eva. Homem e mulher fazem parte da criação divina: igualdade como pessoa e em importância. A Bíblia, apesar de condenar o machismo<sup>29</sup>, vez que este deprecia a mulher como imagem e semelhança divinas, coloca o homem como cabeça da mulher, isto é, com papel distinto e posição de autoridade. Do homem é a maior responsabilidade, pois é dele que se cobra a razão pela queda da humanidade, não de Eva.

## 4-10. OBJEÇÕES AOS FATOS SOBRE A CRIAÇÃO HUMANA

### 4-10-1. CONTRARIEDADES À ORIGEM HUMANA CONFORME A BÍBLIA

A oposição à origem humana, conforme narrada pela Bíblia, advém em especial do **evolucionismo científico**.

Muitos naturalistas também defendem a teoria da geração espontânea, em que vida gera vida a partir de circunstâncias favoráveis criadas pelo ambiente; a teoria do naturalista francês Lamarck defendia que a vida foi gerada de micro-organismos simples, passando a níveis crescentes de complexidade até chegar ao homem. O darwinismo vai além, dizendo que existe uma lei da herança, em que semelhante gera semelhante, havendo variações para melhor ou para pior entre as gerações, e o crescimento no número de seres justifica a luta pela sobrevivência verificada no ambiente natural. Nesse sentido, *o homem seria um macaco desenvolvido*, ainda

---

<sup>26</sup> O *traducionismo* é a doutrina que diz que a alma é herdada dos pais na concepção.

<sup>27</sup> O *preexistencialismo* supõe que as almas já existiam no céu antes de se encarnarem.

<sup>28</sup> Esta é a doutrina denominada *dualismo realista*.

<sup>29</sup> Ef 5:21-33 enfatiza que há submissão mútua entre homem e mulher, de modo que o machismo é incabível à luz da Bíblia.

que os evolucionistas busquem, a todo custo, encontrar um ancestral comum para ambas as espécies. Por fim, a paleontologia se encarrega de informar que a espécie humana vive há muitas eras sobre a Terra, dadas a localização de registros fósseis, de pinturas rupestres e de ruínas de aglomerados humanos bastante antigos e rudimentares.

Todas essas teorias têm evidente base ateísta. Desconsiderando a influência direta de Deus na ordem natural da criação, elas atribuem à força natural e à matéria a capacidade de originarem vida, sem que houvesse intervenção de qualquer divindade, eliminando-se, portanto, qualquer participação sobrenatural. As datações realizadas por vezes são imprecisas e igualmente inconclusivas, baseadas em meras estimativas para que uma sucessão de eventos tenha, de fato, ocorrido. O cristão não deve se deter sobre essas contrariedades, pois elas não causam oposição contundente sobre o testemunho bíblico, que permanece imutável em sua validade.

#### 4-10-2. CONTRARIEDADES À ESSÊNCIA NATURAL HUMANA

No que diz respeito à essência natural humana, ensinada pela Bíblia e aqui enunciada pela **dicotomia**, suas maiores opositoras são as seguintes:

**(a) Monismo**, segundo a qual o homem é composto de um corpo, sendo “alma” e “espírito” termos para designar a pessoa ou a vida que ela possui. Ocorre que o espírito sobrevive ao corpo, dele se destacando no momento da morte; desacreditar disso é pôr em dúvida a natureza espiritual do homem.

**(b) Tricotomia**, segundo a qual o homem também possui uma trindade de *corpo, alma e espírito*. A alma, nesse contexto, é o centro da inteligência, emoções e vontade do ser humano. Ainda que essa ideia seja bastante popular no meio cristão, ela não encontra base sólida nas Escrituras. A tricotomia tem origem na filosofia grega, de base gnóstica, mas contra ela há várias objeções:

- Não é narrada a infusão de alma e espírito no corpo de barro do homem, no ato de sua criação (Gn 2:7), sendo que lá se fala apenas que o Senhor conferiu sopro de vida ao ser humano criado, para que vivesse fisicamente.

- A alma diz respeito à identidade (ego) da pessoa, sendo indissociável da vida humana como um todo e que pode ser usada no lugar do espírito, por ser com este intercambiável<sup>30</sup>. Ambas, portanto, refletem a identidade imaterial do ser humano.

---

<sup>30</sup> A salvação recai sobre a alma (1 Pe 1:9) e é a alma é que peca (Lv 4:2); amamos ao Senhor com todo nosso coração, alma e entendimento (Dt 6:5; Mt 22:37; Mc 12:30, 33; Lc 10:27). Assim, não dá para se perceber uma diferença contundente entre alma (Gr. ψυχή) e espírito (Gr. πνεῦμα) na Bíblia.



- A alma pode pecar, assim como o espírito, o que demonstra que não é apenas na suposta sede da “inteligência, emoções e vontade” que o ser humano exerce sua função pecaminosa.
- Espírito e alma podem fazer as mesmas coisas, sendo que aquele não tem mais capacidade ou “pureza” do que esta.
- Passagens bíblicas como 1 Ts 3:23 e Hb 4:12 não são conclusivas para defender a tricotomia: aquela, pois há um emparelhamento de conceitos semelhantes, assim como entre coração, alma e entendimento em Mc 12:30; esta, porque a Palavra não separa a alma *do* espírito, e sim que a alma pode dividir alma e espírito, ou seja, referindo-se ao mais íntimo do ser humano.
- Fazer analogia entre a natureza divina e a humana, por conta de o homem ter sido feito à imagem e semelhança de Deus – e, portanto, ter em si mesmo uma “trindade”, não encontra respaldo nas Escrituras e prova que o seu defensor desconhece o que seja, de fato, a Trindade divina.

Assim, a complexidade humana se revela pela dicotomia entre corpo e espírito, e sobre o tratamento holístico que Deus confere ao ser humano, ao considerá-lo como um todo, não como alguém que é mais santo no espírito do que no corpo (ou alma), e vice-versa.

## ARTIGO V

### ATIVIDADES COMPLEMENTARES

#### 4-11. PASSAGENS BÍBLICAS PARA ESTUDO DESTE CAPÍTULO

Selecionamos, a seguir, as passagens mais relevantes para a compreensão dos assuntos tratados por este capítulo. Há diversas outras, mas não pretendemos ser exaustivos nessa relação. Localize-as na sua Bíblia.

ARTIGO	PASSAGENS
I	Jó 34:14-15; Is 66:3-4; Jr 30:21; Dn 4:34-35; Mt 6:11, 26; 10:29; At 17:28; Cl 1:17; Hb 1:3; Tg 1:13-14
II	Gn 1, 2; Sl 90:2, 102:25; At 4:24; Hb 11:3; Ap 4:11
III	Gn 3:1-6, 24; Nm 22:31; 1 Sm 28; Jó 2:6; Is 6:2-7; Zc 1:9-10; Mt 18:10; Lc 9:1, 10:19; At 8:26; Ef 1:21; 6:10-18; Cl 2:15; Hb 1:14; Tg 4:7; 2 Pe 2:4; Jd 6; Ap 4:8; 12:7-8; 20:10
IV	Gn 1:26, 27; 2:7, 18; At 2:17-18; Rm 8:16

## 4-12. QUESTÕES PARA DEBATE OU REFLEXÃO PESSOAL

(a) No que diz respeito à providência, qual a diferença essencial entre o agir de Deus e o agir do homem?

(b) Crer em seis dias literais para a criação não seria fazer uma interpretação literal dos eventos de Gênesis? Justifique sua resposta.

(c) Por que não haverá salvação para nenhum anjo caído? Isso não conflitaria com a bondade divina?

(d) Qual consequência prática pode ser depreendida de se aceitar a aplicação da teoria evolucionista no contexto de origem do homem?

## 4-13. ESTUDO INDUTIVO

1. De acordo com a exposição, assinale com “V” ou “F”, conforme as sentenças sejam, respectivamente, verdadeiras ou falsas.

(a) ( ) A providência divina implica no controle total de Deus sobre todos os eventos do universo

(b) ( ) Se pecarmos, estamos abrindo legalidade em nossa vida para que o diabo aja nela livremente, sem que Deus possa intervir em nosso favor.

(c) ( ) Livre agência é a capacidade de o ser humano agir, desde que esse ato seja anteriormente autorizado por Deus para acontecer.

(d) ( ) Anjos são seres dotados de inteligência e senso moral.

(e) ( ) A teoria da evolução é a melhor explicação para a origem na Terra, podendo ser considerada válida para complementar o que a Bíblia não diz.

2. Leia 1 Samuel 28, com especial atenção à consulta de Saul feita à feiticeira (médiun) de En-Dor. Agora, responda:

(a) No v. 7 Saul manda que lhe seja trazida uma mulher com “espírito de feiticeira”. Considerando Êx 22:18 e Lv 20:27, Saul agiu corretamente?

(b) No v. 13 a feiticeira se refere a “deuses que sobem da terra”. À luz de 2 Co 11:13-14, pode-se dizer que o espírito que aparece diante de uma feiticeira era, de fato, um anjo de luz?

(c) No v. 14 Saul apenas “entendeu” que o espírito era Samuel. Isso quer dizer que o espírito chamado da terra era, de fato, Samuel?

(d) Considerando 1 Cr 10:13, a profecia de 1 Sm 28 era verdadeira?

## 4-14. LEITURA BÍBLICA OBRIGATÓRIA

A essa altura você já pode perceber o quão importante é ler a Bíblia, conforme o programa estabelecido, bem como os dias de recesso para mantê-lo em dia. Perceba que há uma passagem principal e outra complementar, na qual há um trecho de Salmos, Provérbios ou Isaías. Medite em ambas.

## CAPÍTULO 5

### O CONHECIMENTO DOS DECRETOS E ALIANÇAS DE DEUS E DA QUEDA E REGENERAÇÃO DO HOMEM

ASSUNTO	FINALIDADE
Examinar a posição cristã, única verdadeira, sobre a relação de Deus com o homem.	Conhecer os efeitos da soberania divina diante do pecado do homem e analisar a reconciliação entre ambos por meio de Jesus Cristo.

#### ARTIGO I

#### DECRETOS DE DEUS

##### 5-1. GENERALIDADES

No início do Capítulo anterior foi examinada a providência divina, que fundamenta a criação e a preservação dos seres criados, bem como o governo de todo o universo por parte exclusivamente de Deus.

Em todos esses atos, por consequência, atua a vontade de Deus. Esta é entendida como o fato de que Deus aprova e decide todo ato que será realizado, de maneira irrevogável. A vontade divina pode ser: *preceptiva*, ou mandamental, de natureza *revelada*, ordenada (*não sugerida*) por Deus ao homem; *decretatória*, já decretada por Deus e por este não revelada; e *secreta* ou *de beneplácito*, predeterminada por Deus e revelável por meio de profecia.

Sendo que a vontade revelada de Deus se encontra exposta pelo exame das Escrituras, e a secreta é – ou não – revelada pelo próprio Senhor

segundo seu propósito santo, cabe, portanto, o exame daquilo que Deus decreta, e que certamente se realizará no âmbito da criação universal.

## 5-2. NATUREZA E FINALIDADE

Toda a criação tem um propósito: glorificar o nome do Senhor. É questão de honra e de relacionamento de Deus com aquilo que ele criou e, nesse sentido, conforme já explicado, atua a soberania divina.

Juridicamente, o decreto é um ato administrativo do Poder Executivo, de função normativa, destinado a dar andamento a normas e esclarecer sobre as formas pelas quais elas devem ser cumpridas. Da mesma forma, o decreto divino tem uma natureza eminentemente executória, pois é de interesse de Deus cumprir com todo seu propósito e finalidade perante sua criação.

Ocorre que, para executar seus decretos, Deus não precisa revelar todo seu propósito ao homem, tampouco adaptar seu conteúdo para fazer com que o homem esteja apto ao seu cumprimento: ele decreta, manda, ordena, a partir de uma norma de caráter impositivo. Isso é exercício de um poder soberano. Diante dos decretos divinos, portanto, a posição humana é de submissão, obediência e de dedicação para poder cumprir com as determinações segundo a melhor orientação possível, obtida com a Palavra da Autoridade que os expediu.

## 5-3. CARACTERÍSTICAS

Os decretos de Deus possuem as seguintes características:

**(a) Eternidade:** não houve tempo para a elaboração desses decretos, nem eles são feitos em função de acontecimentos posteriores. Nega-se, assim, uma revelação sucessiva, ou um Deus submisso ao tempo e à vontade humana. Isso quer dizer também que tudo o que foi decretado por Deus percorre de eternidade a eternidade, “antes da fundação do mundo”, que sempre estiveram na mente de Deus e – aí sim – em determinado tempo, vieram a acontecer.

**(b) Imutabilidade:** como reflexo evidente da imutabilidade divina, sua palavra decretada persiste para sempre. Como bem lembra HODGE (2001:402), “a mudança de propósito surge ou da falta de sabedoria ou da falta de poder”, e ambos são inconcebíveis ao se falar no Deus Todo-Poderoso e Soberano<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Consequência lógica e imediata desse ensinamento é de que *Deus não sonha*, ainda que essa heresia esteja presente na liturgia de muitas denominações evangélicas.

(c) **Liberdade:** houve pleno exercício do livre-arbítrio divino na elaboração dos seus decretos, tanto para o exercício da preservação de sua criação quanto para o governo soberano da mesma. Há cumprimento de uma vontade deliberada divina, que certamente atingirá a um fim proposto, cujo fundamento é o seu beneplácito.

(d) **Eficácia plena:** essa característica advém da própria unidade finalística de Deus, no qual jamais se admitirá qualquer tipo de fracasso. O governo soberano de Deus é infalível.

(e) **Totalidade:** no pelo exercício soberano divino, Deus tem cada fato e ato debaixo de seu controle, havendo, portanto, uma *predeterminação* nos acontecimentos. Toda ação praticada pela criação, inclusive o homem, está debaixo da autorização divina, conforme já explicado, de modo que toda criatura possui apenas livre agência, e não livre-arbítrio.

Sem decretos de Deus, nesse sentido, não haveria sequer História, tampouco profecia, e tudo estaria sujeito a fatos e atos aleatórios, num quadro absolutamente caótico.

#### 5-4. OBJEÇÕES À NATUREZA E FINALIDADE DOS DECRETOS DE DEUS

A maior oposição a essa doutrina – e à soberania de Deus, como um todo – é tarefa dos **remonstrantes (arminianos, pelagianos e semipelagianos)**. Para se insurgirem contra a natureza e finalidade dos decretos de Deus, os remonstrantes defendem a chamada “teoria da liberdade”, em que pessoas dotadas de inteligência, emoções e vontade, praticam atos livres; sendo assim, segundo pensam, os atos preordenados de Deus excluem a livre agência humana – por eles confundida com o conceito de “livre-arbítrio”<sup>32</sup>.

Em resposta a essa objeção, basta lembrar que, se Deus não conhece as ações de homens supostamente “livres”, sabendo de antemão como vão agir, ele se disporia a não conhecer o futuro e a construir seu conhecimento com base em acontecimentos futuros: isso, na prática, anula a soberania, a onipotência e a onisciência divinas. Pior, afirmam que Deus, com supostamente o pretexto de “respeitar a liberdade humana”,

---

<sup>32</sup> A diferença essencial entre os remonstrantes quanto aos decretos de Deus é essa: para os pelagianos, *Deus não decreta o destino de ninguém*, sendo o homem livre e responsável, por seus próprios méritos, em alcançar a salvação divina; para os semipelagianos, o homem é quem responde ao chamado de Deus para que este complete o processo de salvação humana, gerando, assim, um *decreto condicional*; já os arminianos alegam que *Deus decreta baseado na escolha humana* – “livre-arbítrio” – e que somente assim a salvação pode ser concretizada. Nesses contextos, Deus apenas conheceria as possibilidades futuras, sendo que o governo divino se limita apenas ao mundo físico, natural e moral, sem intervir na liberdade humana de aceitar ou rejeitar a vontade divina para sua vida.

permite-se agir desse modo. Isso é deixar de ser Deus para ser um deus qualquer; é dotar de finitude um Deus infinito; é a recusa de soberania por um pretensão exercício de “amor” ao homem.

Ademais, a predeterminação de atos não significa que eles deixarão de ser praticados com liberdade: afinal, o homem pratica atos livres até o limite que lhe é dado para agir, seja imposto por si mesmo, pelos demais, pelas leis naturais ou mesmo por Deus. Não há violência contra a vontade humana; a vontade do Deus onipotente, no entanto, é a que certamente prevalecerá. Defender o contrário é dizer que Deus não pode ser Deus.

Outras objeções levantadas pelos mesmos remonstrantes são as seguintes, comentadas de modo mais breve, se consideradas as explicações já fornecidas:

(a) *“Tanto a natureza quanto a finalidade dos decretos conduzem ao esvaziamento do esforço humano para a santidade e boas obras – isso, em última análise, faria com que Deus se tornasse o autor do pecado”*. Pelo contrário, a própria vida e testemunho de Jesus demonstra que sua voluntariedade no sacrifício do calvário, bem como o pleno atendimento dos propósitos de Deus, enfatiza a importância da sintonia da vontade humana com a divina. Aliás, somente o Senhor que detém o controle pleno e absoluto de tudo na História é quem pode, de fato, predeterminar acontecimentos e capacitar para que os seus servos venham a se santificar e agir na prática – voluntária e livre – de boas obras. Por fim, permitir condutas pecaminosas não significa aprová-las: isso nada mais é do que uma forma de demonstração de poder sobre causas primárias e secundárias<sup>33</sup>.

(b) *“Tanto a natureza quanto a finalidade dos decretos conduzem ao esvaziamento do esforço humano, em qualquer hipótese, já que tudo está predeterminado a acontecer”*. Pelo contrário, o êxito garantido aos propósitos de Deus deve ser um impulsionador a um esforço ainda maior, seja por santidade, seja pelo trabalho incessante no Reino de Deus – evangelismo, discipulado, ações dentro e fora da igreja, dentre outros. Do contrário, o centro do êxito seria o orgulho e um sentimento de autossuficiência humana, o que é negado pelas Escrituras.

(c) *“Tanto a natureza quanto a finalidade dos decretos conduzem ao fatalismo”*. Pelo contrário: negar a ordenação prévia de acontecimentos ao longo da História é, em última análise, negar que exista um Deus soberano como força-motriz da própria História. Assim, o universo ficaria relegado a um horizonte de eventos aleatórios, onde todas as causas necessárias têm de ser livres tanto quanto aquelas que, de fato, são livres. **Soberania de Deus e responsabilidade humana andam lado a lado**, sem que uma exclua a outra.

<sup>33</sup> Mais sobre esse tema: consulte o item 4-1 do Capítulo 4.

Assim, as objeções remonstrantes revelam seu propósito: *enaltecer o homem em prejuízo à soberania de Deus*, fazendo com que a criatura humana seja o referencial do agir divino, que se veria obrigado a praticar a autolimitação – ou seja, ser algo menos que Deus – para preservar um pretensioso livre-arbítrio humano. Ao buscarem *banir o conceito de soberania de Deus*, os remonstrantes – em especial os arminianos – demonstram, na prática, a cegueira espiritual ocasionada pelo erro de tratar o homem como a medida de todas as coisas: isso é *humanismo*, não cristianismo.

## ARTIGO II

### ALIANÇAS DE DEUS

#### 5-5. GENERALIDADES

Relacionamento demanda compromisso, e foi justamente isso que Deus, desde o princípio, na criação, fez com o ser humano. Tendo como base a vontade soberana de Deus, ele concedeu ao homem essa prerrogativa de se relacionar com o seu Criador de forma diferenciada em relação às demais criaturas. O compromisso que permeia esse relacionamento é denominado *aliança* ou *pacto*, do qual se extrai um acordo em vigor entre as partes.

#### 5-6. CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS

Constituem características das alianças entre Deus e o homem:

**(a) Iniciativa exclusiva de Deus**, em que a escolha, no caso, para haver uma aliança, é obra de Deus.

**(b) Unilateralidade**, pois o acordo envolvido entre as partes é unilateral, isto é, parte de Deus e vai de encontro ao homem.

**(c) Imutabilidade**, pois a aliança entre Deus e o homem é imutável, tendo como base os decretos de Deus.

**(d) Condicionabilidade**: há o estabelecimento de condições que viabilizem essa aliança.

#### 5-7. ESPÉCIES

##### 5-7-1. ALIANÇA – OU PACTO – DAS OBRAS

Ainda que não possua uma denominação específica em Gênesis, a aliança das obras é mencionada nas Escrituras como aquela feita “em

Adão”. Caso ela não tivesse existido como “aliança”, a Bíblia não teria feito menção de um relacionamento diferenciado entre Deus e a excelência de sua obra criadora.

A aliança das obras teve por base os seguintes elementos:

- **Assunto:** pacto entre Deus e Adão.
- **Condição:** obediência plena.
- **Promessa:** vida eterna.
- **Sanção:** morte.

Como é sabido, Adão e Eva transgrediram a aliança das obras e, embora não lhes tivesse vindo morte física, a partir deles foi decretada morte a todo gênero humano, do qual Adão foi constituído cabeça e representante, como gerador de uma descendência a ele idêntica em natureza, tanto carnal quanto espiritual. Todos caíram em Adão, tendo já entrado no mundo debaixo de condenação, para o que a Bíblia denomina “filhos da ira”. Desse modo, ainda que esteja vivo em carne, **todo ser humano está espiritualmente morto diante de Deus**. Ou seja, e nesse sentido, a aliança das obras ainda persiste, e assim o será até a completa redenção da humanidade em Cristo.

#### 5-7-2. ALIANÇA – OU PACTO – DA GRAÇA

Se mantida apenas a aliança das obras, toda a humanidade teria destino certo: a morte. Tivesse mantido isso, Deus completaria sua sanção de modo justo e inquestionável: afinal, a quebra da promessa tem consequência legal de ruptura do pacto.

Dessa forma, Deus arrumou, em seu conselho soberano, o único meio de reconciliação e de se fazer um acordo consigo mesmo em função de uma humanidade caída: a mediação de um novo pacto, ou aliança, este agora baseado na graça divina, estendida a quem Deus quis incluir nesse pacto, por sua livre escolha soberana. Essa nova aliança é feita “em Cristo”. A inclusão nessa nova aliança, pela graça, é feita através da fé em Jesus, o mesmo que agiu como propiciação pelos pecados do homem e como redentor – ou libertador – desse mesmo homem.

Assim, a aliança das obras tem por base os seguintes elementos:

- **Assunto:** pacto entre Deus e o crente em Cristo Jesus.
- **Condição:** obediência plena por meio da fé na obra redentora de Cristo Jesus.
- **Promessa:** vida eterna.
- **Sanção:** *nenhuma*, que lhe venha a excluir do pacto.



Ambas as alianças são intercambiáveis, ainda que a da graça seja melhor e mais aperfeiçoada do que a primeira. O pacto das obras foi uma prefiguração do que haveria de vir com Jesus, embora a graça tenha sempre atuado. Aliás: graça se mostra na dependência total do homem para realizar as boas obras que o Senhor requer, por meio da obediência aos seus mandamentos.

Por fim, não há confusão entre a velha aliança e o Antigo Testamento: a antiga aliança se refere àquela firmada entre Deus e o povo hebreu no monte Sinai, e tem a lei como fundamento e Moisés como seu mediador.

## ARTIGO III

### QUEDA DO HOMEM

#### 5-8. GENERALIDADES

A queda do homem narrada em Gênesis trouxe vários efeitos para a relação entre Deus e o homem: *culpa e desejo de afastamento de Deus, por parte da criatura; sanção e distanciamento por parte do Criador*. A partir de então foi criada uma barreira de acesso entre ambas as partes; o afastamento da árvore da vida, bem como do Éden, demonstram que, mesmo fisicamente, *o homem já estava destinado a morte*, ainda que de forma adiada por algum tempo.

Conforme já explicado, o relato da queda do homem, assim como todo o Gênesis, é histórico: não há um “mito da queda”, ou uma “figuração” a partir de símbolos – o livro não autoriza essa interpretação. Houve um agente (serpente); a primeira culpada, despertada em sua cobiça (Eva); e o primeiro culpado (Adão), que deveria ter cuidado de sua mulher e não permitido a transgressão, ou, pior, dela ter participado.

#### 5-9. PORMENORES DO RELATO BÍBLICO DA QUEDA

##### 5-9-1. NATUREZA DA TENTAÇÃO

A essência da tentação do primeiro casal está na declaração da serpente: “É certo que não morrereis”. Houve uma **relativização da palavra expressa** dada por Deus e, com isso, três características conduziram o homem à desobediência: **dúvida** sobre a manifesta vontade de Deus, **incredulidade** diante das “evidências” torcidas pelo argumento da serpente; e **soberba**, ao agir por conta própria em busca do conhecimento que lhes supostamente foi negado por parte de Deus. Esses, inclusive, são os estágios pelos quais o homem, até hoje, comete pecado.

## 5-9-2. OBJETO DA TENTAÇÃO

O leitor nota, ao examinar Gênesis, que havia duas árvores: a da Vida e a do Conhecimento do Bem e do Mal. Ignora-se se os frutos delas possuíam essas propriedades, e quais seriam esses frutos<sup>34</sup>. Eva comeu do fruto dessa segunda árvore, e efetivamente obteve esse conhecimento, só que de modo totalmente errado. A rebeldia de Adão e Eva se evidenciou na tentativa de buscar conhecimento através das próprias experiências de vida, desprezando o referencial dado pelo seu Criador: a consequência dessa rebeldia foi morte.

A partir de então, a consciência moral do primeiro casal foi despertada, porém com o custo da própria vida de ambos. A diferença entre o bem e o mal, entre a felicidade e a miséria, passaram a ter o contraste ressaltado, de modo que ao homem restou a miséria de sua natureza decaída, e da felicidade inatingível por meios próprios<sup>35</sup>. O *medo*, base de todas as religiões, passou a permear a tentativa de relacionamento entre os homens e Deus.

## 5-9-3. O TENTADOR

Gênesis diz que uma serpente tentou Eva ao pecado, dialogando com ela a respeito da ordem de Deus sobre o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Satanás pode ter se disfarçado na forma de uma serpente, ou mesmo usado alguma como instrumento – o que parece mais provável, pelo contexto: o importante é destacar que a característica de “astúcia” desse animal foi importante para despertar a atenção do casal, com o fim de realizar o objetivo da tentação, que era o pecado.

## 5-9-4. EFEITOS DA TRANSGRESSÃO

Além do já declarado distanciamento entre Deus e o homem, como consequência do pecado, houve provocação de ira em Deus. **O pecado foi uma dupla ferida de morte: física**, pois seu corpo voltaria ao pó – e todo homem caminha progressivamente a esse estágio; e *espiritual*, como consequência da falta de acesso à Árvore da Vida. Outras consequências, como as dores de parto e o ganho da vida com o suor do próprio rosto – isto é, com dificuldades, sem condenação do trabalho – são secundárias quanto à transgressão maior.

---

<sup>34</sup> Dizer que eram maçã ou romã é pura especulação. Esses frutos foram usados na história da igreja por sua associação com o órgão sexual feminino, ao serem cortados pela metade. Evidente equívoco, pois a tentação não adveio do sexo.

<sup>35</sup> Nesse sentido, acompanhando uma pergunta de J. C. Ryle, é possível defender que *soamente o cristão é feliz*, pois a felicidade não vem, nem é produzida por qualquer atitude humana, ainda que dirigida à prática do que ele considera moralmente bom.

## 5-10. PECADO

## 5-10-1. CONCEITO, NATUREZA E ORIGEM

Pecado, do latim *peccatus*, contém a ideia de dívida. Para o grego, pecado é *ἁμαρτία* (*hamartia*), com o sentido de “errar o alvo”<sup>36</sup>. O sentido amplo é o de falta, mácula, desobediência ou transgressão, que não se revela apenas em atos ou ações, mas na essência moral do ser humano: ou seja, *não apenas há o ato de pecar, mas sim uma natureza disposta a pecar*. O significado do termo “pecado”, portanto, é amplo, não admitindo que se estabeleça todo um conjunto de transgressões por conta de uma única atitude, como “egoísmo”, “senso de autossuficiência” ou “ vaidade”.

O conceito de pecado exige algo absoluto: ou o agente erra o alvo estabelecido por Deus, ou não o erra. Não existe meio-termo, assim como não existe “meia-morte” ou “meia-vida”. Uma vez sendo toda a raça humana considerada como transgressora, não há nada no homem que lhe remeta vida, ou um “fio de esperança” que lhe venha a se capacitar à aproximação com Deus, seja física, seja moral, espiritual ou emocionalmente. Tal é o conceito cristão de **depravação total**: esta, no entanto, não faz o homem ser louco ou psicótico como regra, e sim *inábil*, dada sua condição caída.

A natureza do pecado é algo muito maior do que a transgressão desse ou daquele mandamento: ele vai contra a criação e o universo que Deus fez, em que tudo é bom – sem exagero, *o pecado é uma transgressão de proporções cósmicas*. O pecado se opõe a tudo o que vem de Deus, de maneira direta: ele contradiz a essência de Deus, materializando-se na inimizade da criatura contra seu Criador, de quem ela julga ser detentora de direitos, sobretudo o de manipulá-lo em prol dos seus interesses mesquinhos. Por isso, Deus detesta, eternamente, todo e qualquer pecado.

Ainda que, fora da humanidade, o pecado tenha origem na rebeldia de Satanás e de seus demônios, essa característica entrou no mundo por causa de Adão, ao arrepio de toda criação. Houve uma falha moral de Adão em tentar responder, de outra maneira, à pergunta “o que é certo?”: isso demonstra que o pecado é uma ofensa direta ao próprio Deus, quem define o que é certo ou errado. Essa distorção, ao contrário da promessa da serpente de que “se abrirão os vossos olhos”, *cegou* o entendimento de Adão e Eva, a ponto de eles concluírem, irracionalmente, que Deus “não queria lhes deixar ser como Deus” ou que “não lhes queria dar o conhecimento do bem e do mal”; daí seu ato soberbo de procurar, por meios próprios, obter o que, sem razão, cobiçavam.

---

<sup>36</sup> Os termos *ἁμαρτήματα* (*hamartêma*) e *ἁμαρτία* têm significado parecido, porém *ἁμαρτία* tem o sentido de incredulidade ou desejo pecaminoso que leva à prática da conduta transgressional – mais amplo do que *ἁμαρτήματα*, que é a ação pecaminosa ou incrédula.

## 5-10-2. HERANÇA PECAMINOSA

O pecado é herdado por todo ser humano. O cabeça transgrediu; todos após ele transgrediram também. Ainda que a descendência de Adão não existisse até então, toda ela foi considerada por Deus como pecadora: afinal, todo gênero humano descende de Adão e, no lugar dele, teria cometido exatamente o mesmo ato, dada sua natureza pecaminosa. **Todo gênero humano é apóstata**, isto é, afastado completamente de Deus. Tal é o *princípio da representatividade*, que envolve não apenas a responsabilidade pelo próprio pecado de cada ser humano, mas também o de Adão.

## 5-10-3. CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS DO PECADO

Consequências desse fato são as mais diversas:

(a) Todos, indistintamente, pecaram, e é assim precisamente que a Bíblia trata o homem. São livres em alguns atos, mas escravos do pecado.

(b) Todos, indistintamente, rejeitam a Cristo, não obstante o valor de sua obra redentora e do que ele oferece ao ser humano; ninguém quer amar nem servir a Cristo. *Ninguém, naturalmente, quer a Cristo.*

(c) *O ser humano é mau por natureza*; a sociedade não o corrompe mais do que ele mesmo já seja corrompido desde a sua concepção.

(d) *O ser humano já nasce pecador*, de modo que não é necessário a ele atingir a equivocada “idade da razão” para começar a pecar<sup>37</sup>.

(e) O ser humano pratica atos pecaminosos a todo tempo, até mesmo quando esses atos refletem algum tipo de bondade.

(f) O ser humano tem sua visão obscurecida pelo pecado tanto quanto um peixe é envolvido pela água, de modo que ele consegue olhar para esse mundo apenas sob o prisma pecaminoso, que o limita, oprime e maltrata.

(g) O ser humano carece totalmente de Deus, seja para agradá-lo, seja para se aproximar dele.

(h) O ser humano, em seu estado natural de vida sem Deus, é *ateu*, no sentido prático: ou ama, ou odeia a Deus; ou o releva, ou o ignora.

(i) Se deixado em seu estado natural, o ser humano é simplesmente incorrigível.

(j) O povo hebreu demonstra, na prática, o que toda a humanidade demonstra ao ser considerada pecadora, seja pelas exigências de Deus contra o pecado, seja por conta de suas falhas e necessidade de redenção.

(k) Não há justiça, nem bondade, nas ações puramente humanas, visto que não há um justo sequer dentre os homens.

(l) Todo e qualquer desejo de arrepender-se, de se aproximar de Deus, de viver com Jesus, provém de Deus, jamais de qualquer intenção de “aceitar a Cristo” por parte do ser humano.

<sup>37</sup> Sobre salvação infantil, consulte o item 6-5, Capítulo 6 (Manual A-6).

(m) Todo ímpio, além de essencialmente pecador, é *inútil* diante de Deus, pois nele não se opera a boa dádiva e o bom fruto que pertencem apenas ao Senhor. A vida do ímpio é inútil tanto quanto quaisquer de suas atitudes, ações e aspirações, todas elas como fruto de pecado, por mais belas e até “cristãs” que possam parecer<sup>38</sup>. *Inutilidade não significa ausência de valor, entretanto: afinal, Deus salva pecadores.*

O pecado traz separação total de Deus: o ímpio a experimenta ao longo de sua vida e, a menos que nele haja arrependimento, ele estará para sempre separado de Deus. Para o cristão, entretanto, a posição perante Deus fica sem alteração do ponto de vista legal e justo, visto que sua justiça foi imputada a Cristo; no entanto, ele fica temporariamente sem comunhão com Deus, o que lhe gera consequências prejudiciais e até mesmo desastrosas, como a aplicação de disciplina – tal como o pai ao seu filho – e a perda de numerosas bênçãos celestiais, representadas pelo galardão<sup>39</sup>.

Em semelhante posição está o “ímpio disfarçado de crente”, ou o evangélico não convertido, que pensa ser justificado pelas obras que pratica “em o nome de Jesus”. A menos que se opere nele o real arrependimento, acompanhado do fruto do Espírito, ele está na mesma posição do ímpio, que receberá a devida condenação.

#### 5-10-4. GRADAÇÕES DE PECADO E O PECADO IMPERDOÁVEL

Por fim, considerações breves sobre a existência, ou não, de gradações de pecado. Embora todo pecado gere morte como consequência, e diante de Deus toda conduta pecaminosa é tratada como “maldição”, a Bíblia sugere, repetidas vezes, que haja gradações de pecado. São múltiplas as variantes de gradação: a pessoa que o comete, a posição que ela ocupa, ou mesmo a posição e a situação da vítima da conduta pecaminosa.

Alvo de bastante polêmica, o pecado imperdoável é a blasfêmia contra o Espírito Santo, isto é, a atribuição, a Satanás, das obras praticadas pelo Espírito, motivada pela rejeição dessa obra, de forma completa, maliciosa e consciente. Somente ímpios, não eleitos ou não regenerados pelo Espírito, *ainda que tenham tido sua mente iluminada e convencidos da verdade do Evangelho*, é que podem cometer esse pecado para sua própria perdição.

<sup>38</sup> Consequência prática disso é dizer que o ímpio somente está vivo porque Deus o permite; acompanhando Jonathan Edwards em seu clássico sermão “Pecadores nas mãos de um Deus irado”, somente por um fio todo ser humano está em escape de ser precipitado no abismo. Nas suas palavras: “Não falta poder a Deus para lançar os ímpios no inferno a qualquer momento. A mão dos homens não é suficientemente forte quando Deus se levanta. O mais forte deles não tem poder para resistir-lhe, e ninguém consegue se livrar de suas mãos. Ele não só pode lançar os ímpios no inferno, como pode fazê-lo com a maior facilidade” (Disponível em: <<http://ow.ly/sRLJr>>. Acesso em: 23 jan. 2014)

<sup>39</sup> Essa separação é o termo grego κρίσις (*krisis*), de onde vem os termos “crise” ou “crítico”. É separação que traz julgamento condenatório e punição por um colegiado de juízes.

## 5-10-5. OBJEÇÕES À DEPRAVAÇÃO TOTAL E À NATUREZA DO PECADO

Visto que esse assunto atinge diretamente a natureza humana, é natural que se levantem várias vozes contra a sua veracidade e exatidão bíblica. Sucintamente, pela ordem de exposição neste artigo, tem-se o seguinte:

(a) A base ateísta do **budismo** não admite a existência do pecado, pois a vida seria apenas uma passagem para a libertação do sofrimento, ao final encontrado no Nirvana. O **hinduísmo** também não admite a existência do pecado, senão que haveria um carma mau (sofrimento) a ser resolvido através de múltiplas e sucessivas reencarnações; da mesma forma crê o **espiritismo**, a **Legião da Boa Vontade** e a **Nova Era**.

(b) Para o **judaísmo**, pecado é essencialmente a transgressão da lei mosaica em quaisquer uns dos seus 613 mandamentos.

(c) Para a **Igreja Local de Witness Lee**, o pecado é o próprio Satanás, que habita no ser humano.

(d) Para os **pelagianos**, heresia compreendida no **movimento remonstrante**, não há depravação total. O homem, então, nasceria tal qual o Adão original, escolhendo pecar. Para eles, o homem, mesmo originalmente sem senso moral, seria capaz de algum ato que o aproximasse livre e voluntariamente de Deus; do contrário isso seria violar o livre-arbítrio humano.

(e) Para especialmente os **arminianos**, a herança do pecado de Adão seria injustiça da parte de Deus, colocando o ser humano como preso à vontade de outrem, não tendo culpa pelos atos de Adão e, conseqüentemente, não devendo receber as conseqüências de um pecado que não cometeu.

(f) O **papismo** faz distinção e classificação entre os pecados em *original* – ou adâmico –, *venial* e *mortal*, sendo o venial perdoado por confissão ao sacerdote, por penitência ou no purgatório, e o último imperdoável, que faz o fiel perder a graça divina. Além disso, os papistas creem que o homem vivia num estado de perfeição relativa, e que a “imagem e semelhança de Deus” advinham apenas da natureza racional e do exercício de inteligência, emoções e vontade de Deus – isto é, que o homem original seria dotado de livre-arbítrio, tal como Deus; a justiça não seria de Adão, e sim sobrenatural.

Também pela ordem, são respostas a essas objeções:

(a) Não se pode confundir a atitude e natureza pecaminosas com o chamado “estado de sofrimento”, pois o pecado é algo real, com conseqüências reais, e precisa de expiação – agente externo ao homem – para que haja libertação. Alma alguma tem o poder de se salvar por si só.

(b) Pecado não é apenas a transgressão da lei, senão a violação completa da lei e dos profetas, isto é, da Palavra de Deus.

(c) Personificar o pecado é transferência de culpa, e isso é inadmissível diante da responsabilidade pessoal sobre a conduta e a natureza pecaminosas.

(d) A ausência de capacidade do ser humano é evidente através do registro bíblico. Pelágio confunde liberdade com capacidade; se ambos fossem sinônimos, o homem mesmo poderia ser considerado justo e a salvação seria por uma boa obra de sua parte. Não há vontade própria que afaste o ser humano do pecar. O homem não foi criado neutro em seu exercício de vontade, tampouco sem caráter moral: ele foi criado completo, com senso natural de justiça, que não foi prejudicado por causa da entrada do pecado na humanidade; afinal, a culpa sentida imediatamente após o ato pecaminoso de Adão e Eva demonstra essa realidade. O ensino pelagiano nega a graça, nega a crucificação e a obra redentora de Cristo, tornando-a desnecessária e virtualmente impossível, e possui ecos do próprio ateísmo: afinal, o ser humano precisaria, em essência, do conselho de sua própria vontade, não de Deus, para se salvar.

(e) Deus declara que Adão trouxe responsabilidade pecadora sobre todo gênero humano, destinado, como ele, à morte. A imputação do pecado de Adão é medida de justiça de Deus por violação da aliança original – pacto das obras – de modo que se esquivar dessa punição é querer justificar a si mesmo, o que é impossível diante de Deus; além disso, nega-se, também, a obra redentora, suficiente e necessária de Cristo.

(f) Não há distinção, nesse sentido, de pecado, pois todo pecado ocasiona a morte, cuja expiação é somente através da justificação pela fé em Cristo. Ademais, dizer que o homem foi criado com algum tipo de imperfeição contraria o ensino claro das Escrituras, que afirma que Deus criou o homem bom, e isso era “muito bom”. A justiça de Adão era inerente à sua natureza – isto é, natural – e o homem, conforme já explicado, foi feito à imagem e semelhança de Deus nos aspectos moral, espiritual e mental, sendo o pleno exercício da vontade um atributo incomunicável de Deus, pois isso se relaciona com a soberania dele. Deus não criou o corpo mal e o espírito bom: tudo o que ele faz é bom.

Com especial destaque, são numerosas também as objeções levantadas pela filosofia acerca da natureza do pecado. Objetivamente elas são expostas do seguinte modo:

(a) O **dualismo** propõe que o mal sempre existiu em oposição ao bem, e ambos sempre estiveram em conflito. A ação é acompanhada por uma reação equivalente: o bem existe, assim como o mal. O pecado, com isso, seria um mal físico, destruído através de abstinências e de autoflagelo.

(b) O **panteísmo** propõe que o mal seria a negação do ser – mesma posição sustentada por Spinoza<sup>40</sup> – e que, quanto mais limitado, mais mal ele seria, numa distinção meramente quantitativa. O mal, então, seria um desenvolvimento imperfeito do ser.

---

<sup>40</sup> Referência ao filósofo Baruch de Spinoza (1632-1677), racionalista, contemporâneo e da mesma escola de Leibniz (próxima nota) e de René Descartes, a “Filosofia Moderna”.

(c) A **teoria da privação**, enunciada pelo filósofo alemão Leibniz<sup>41</sup>, diz que o pecado é privação – a exemplo do panteísmo de Spinoza – porém, adotando base teísta, ele afirma que o pecado é inevitável e que não deve ser atribuído às ações de Deus, não necessitando, portanto, de uma causa eficiente. A criatura, então, seria necessariamente limitada em seu poder.

(d) A **teoria de Schleiermacher**<sup>42</sup>, por meio de uma série de postulados, propõe, em síntese, que o pecado é o sentido depreendido da ausência do controle absoluto do princípio superior, do qual vem a necessidade de redenção, isto é, a submissão completa da consciência a Deus.

(e) A **teoria sensorial** alega que o pecado é tudo aquilo ligado ao desejo pela matéria em prejuízo do espírito. Nesse sentido, quanto mais distantes da pessoa estiverem as concupiscências da carne, melhor ela será. O prazer da carne, sendo fonte de tentação, deve, então, ser eliminado.

(f) A teoria de que o **pecado é o próprio egoísmo**, o qual seria preferir a própria felicidade em prejuízo da dos outros. Segundo esse pensamento, o bem supremo é a felicidade, e que tudo a ela oposta é mau. Deus, como sendo benevolente, tem como objetivo imediato a maior e mais profunda felicidade; o pecado, portanto, é um meio necessário e limitado para que se atinja a felicidade suprema no universo.

Pela ordem, essas objeções são assim respondidas:

(a) O dualismo nega o teísmo, bem como o controle de Deus sobre todas as coisas, visto que admite a existência de uma força à parte do controle de Deus, o que necessariamente o limitaria no exercício do controle absoluto do universo. Ele nega a responsabilidade humana, pois relega o pecado a essa força à parte de Deus.

(b) O panteísmo nega a essência pessoal de Deus, com essa teoria. O mal não é apenas físico, senão moral, de modo que não pode ser quantificado. Com isso, o panteísmo nega a própria existência do pecado.

(c) A teoria da privação alega a necessidade do mal, o que é inverdade. Pior: ela traz, como consequência, Deus como o autor do pecado, uma vez que este limita a criatura, surgindo, assim, o próprio pecado. Outra consequência herética é a eternidade do pecado, vez que ele seria inevitável e necessário.

(d) A teoria de Schleiermacher, de base panteísta, nega a existência de um Deus pessoal, tornando o pecado algo apenas subjetivo, relegado à consciência. Ele nega a liberdade à criatura, tornando o pecado absolutamente necessário e universal.

---

<sup>41</sup> Referência ao filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), bastante conhecido por sua obra-prima, *Novos ensaios sobre o entendimento humano*.

<sup>42</sup> Referência ao alemão Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), pastor e professor de Filosofia e Teologia.



(e) A teoria sensorial erra, pois os principais problemas acarretados pelo pecado não estão ligados à porção sensorial, e sim à imaterial ou espiritual. O corpo erra, mas o espírito também erra. Se fosse válida essa teoria, quanto mais idosa uma pessoa, melhor ela seria; isso faz lembrar o embasamento de culto aos ancestrais, como é feito pelo xintoísmo. O ascetismo se embasa nessa teoria para se considerar verdadeiro.

(f) A teoria de que o pecado é o próprio egoísmo cai por terra, pois, segundo HODGE (2001:592), ela “confunde o certo com o conveniente”. Para essa teoria, não há bem moral, nem dependência de Deus que justifique a existência humana. Além disso, ela diz que o pecado é necessário, como se o mal fosse indispensável para se atingir o bem. O pecado, por fim, não é apenas egoísmo, assim como não se pode reduzir toda virtude ao simples comportamento benevolente – aliás, há males ainda piores do que o egoísmo.

## ARTIGO IV

### REGENERAÇÃO E REDENÇÃO DO HOMEM, EXPIAÇÃO E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

#### 5-11. REGENERAÇÃO (ELEMENTOS GERAIS)

Diferentemente dos anjos decaídos, que não guardaram o seu estado original, o homem foi criado bom e permaneceu assim até que ele foi a causa de sua própria queda, transmitida a toda a humanidade que, desde então, está morta em seus delitos e pecados.

Assim, sua vontade, inteligência, e demais faculdades são completamente corrompidas: não há quem busque o bem, não há um único justo. Para passar desse estado de morte, o homem precisa vir à vida, e é esse o papel da regeneração. Não houvesse esse processo, o homem jamais seria capaz de produzir boas obras; consequências práticas disso são que o homem, por si só, jamais teria ou terá condições de se aproximar de Deus, visto que um ato de disposição de vontade depende, essencialmente, de uma natureza transformada e, por consequência, regenerada; e que o não regenerado não pratica boas obras, que realmente sejam consideradas de proveito para o Senhor, visto que as coisas boas só provêm de alguém bom. A verdadeira transformação produz bons e visíveis resultados.

O homem, então, ao passar pela regeneração, torna ao estado antes da queda de Adão, fazendo dele, portanto, nova criatura. O pecado que ele ainda pratica somente lhe será tirado quando ele passar pela completa redenção: o que antes era regra – isto é, sempre pecar – hoje é acidente, pois ele tem o discernimento transformado e a capacitação do Espírito para não pecar com a habitualidade de antes.

## 5-12. REDENÇÃO

Passada a regeneração, de um estado natural de morte para um sobrenatural de vida, percebe-se que no homem ocorre a redenção. Nesse sentido, **o processo de redenção do homem deve ser completo, atingindo não apenas sua mente ou vontades, mas todo o seu ser** – aliás, o termo “regenerar” indica exatamente isso, uma mudança de geração, uma nova criação. Isso é possível somente por atuação do Espírito Santo.

A redenção, portanto, é necessária, e ela ocorre mediante a expiação proporcionada por Cristo no seu sacrifício na cruz do Calvário, que será analisada adiante. Ela liberta do poder e das consequências do pecado, trazendo salvação aos pecadores por quem Cristo morreu, e *somente a eles*. Ainda que Adão tenha sido o representante da raça humana pecadora, Cristo é o representante da raça humana salva, porém nos limites do decreto eletivo de Deus. Conforme se verá logo adiante, essa é a base do terceiro ponto da teologia cristã, conhecido como **expiação limitada**.

## 5-13. EXPIAÇÃO DE CRISTO


Amor e justiça envolveram o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário. Deus, em seu amor e absoluta ausência de necessidade de salvar alguém, decidiu entregar seu Filho para a morte em favor dos seus eleitos. O que tornou essa morte absolutamente necessária foi a decisão divina de salvar alguns dos seres humanos, em todos os tempos, por meio de um sacrifício único, suficiente e totalmente puro.

A expiação de Cristo envolveu dois aspectos importantes: a *propiciação* em favor de seus eleitos e a *perfeita obediência* de Cristo às exigências do Pai, a fim de perfazer essa propiciação. O primeiro aspecto envolveu dores e sofrimento durante toda uma vida, e por fim a morte mais maldita, acompanhada de completa e terrível solidão e de suportar a ira de Deus; o outro envolveu completa disciplina, para que Cristo pudesse cumprir toda a justiça em favor de seu povo escolhido.

O sofrimento temporário de Cristo, nos eventos que culminaram com sua morte física, proporcionou ao seu povo a libertação do sofrimento eterno: o Pai quis que o Filho pagasse pela redenção de seus eleitos através do derramamento de seu sangue, o qual, segundo a própria lei mosaica, era requerido para a remissão dos pecados<sup>43</sup>. Há, então, paralelos bíblicos que indicam o papel de Cristo em cada evento expiatório favorável ao eleito:

---

<sup>43</sup> Objeções a essa doutrina são levantadas especialmente pela “teoria do resgate”, atribuída a Orígenes (185-254 d.C.), segundo o qual Cristo pagou, com seu sangue, o resgate pelas almas a *Satanás*, não a Deus, pelo fato de as pessoas estarem submissas ao reino dele. Acontece que *Satanás* não reina na terra – o mundo jaz no maligno tanto quanto

<i>Morte</i> como castigo eterno		<i>Sacrifício</i> vicário de Cristo
<i>Recebimento</i> da ira de Deus		<i>Propiciação</i> como livramento da ira
<i>Separação</i> eterna de Deus		<i>Reconciliação</i> eterna com Deus
<i>Escravidão</i> do pecado e de Satanás		<i>Redenção</i> completa contra o pecado e contra Satanás

## 5-14. RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO DE CRISTO AOS CÉUS

Ao terceiro dia Jesus ressuscitou dentre os mortos e, após algum tempo, ele ascendeu aos céus<sup>44</sup>. Jesus não apenas retornou da morte, tal como Lázaro, mas sua ressurreição é carregada de diversos significados: a vitória, sobre a morte, de um novo tipo de homem; a concretização da promessa de um corpo glorificado; a segurança de regeneração e de justificação do crente; a significação para a perseverança dos santos, apesar das tribulações deste mundo. Por fim, a ressurreição e ascensão de Cristo demonstram que ele é diferente de líderes religiosos, que pregaram suas “verdades”, porém não venceram o poder da morte, nem física, nem eterna.

### ARTIGO V

#### ATIVIDADES COMPLEMENTARES

## 5-15. PASSAGENS BÍBLICAS PARA ESTUDO DESTES CAPÍTULOS

Selecionamos, a seguir, as passagens mais relevantes para a compreensão dos assuntos tratados por este capítulo. Há diversas outras, mas não pretendemos ser exaustivos nessa relação. Localize-as na sua Bíblia.

ARTIGO	PASSAGENS
I	Jó 36:22-23; Sl 33:10-11; Pv 16:4; Rm 11:34; Ef 3:9, 11; 1 Co 2:16; 2 Tm 1:9; Ap 4:11, 17:17

um cadáver jaz na sepultura e, nem por isso, esse corpo é dono da sepultura. Satanás não tem direito a cobrar nada de Deus. Essa teoria possui ecos no dualismo antibíblico.

<sup>44</sup> Questão polêmica se levanta com relação ao lugar em que Cristo esteve entre a morte e a sua ressurreição, até mesmo porque o Credo Apostólico declara que ele “desceu aos infernos”. A Bíblia não dá margens a esse entendimento, sequer com a declaração igualmente polêmica de 1 Pe 3:18-20, em que o apóstolo fala que Cristo “pregou aos espíritos em prisão”; nesse caso, Cristo pregou aos espíritos em prisão *ao longo de sua vida na terra*, não descendo ao inferno. Ademais, a mesma palavra para inferno é traduzida como “mansão dos mortos” ou o antigo Sheol. Em nosso entendimento, quando o Credo assim o afirma, ele apenas quis reforçar que Cristo passou pela morte física antes de ressurgir.

II	Gn 1:28-30, 2:16-17, 17:17; Jr 31:31-34; Os 6:7; Rm 3:23, 4:1-15; 2 Co 6:16; Gl 3:24; Ap 21:3
III	Gn 3; 6:5; Dt 27:26; Sl 14:3; 51:5; 58:3; 143:2; Is 64:6; Jo 6:44; Rm 3:9, 20, 23; 5:12-21; 8:8; 1 Co 15:22; 2 Co 11:3; Gl 3:10; Hb 12:9-10; Tg 1:13; Ap 12:9
IV	Sl 22:1-2; Mt 3:15; 7:15-20; 12:34-35; Jo 1:3; 10:15; Gl 5:22, 23; 1 Co 2:14; Ef 2:1; 4:17-18; Hb 2:17; 9:25-26; 1 Jo 2:1; 3:9

### 5-16. QUESTÕES PARA DEBATE OU REFLEXÃO PESSOAL

- (a) Como demonstrar que os decretos de Deus não violam a vontade e responsabilidade do homem por seus atos?
- (b) Por que o pacto da graça não prevê sanção definitiva e irreparável ao homem, em caso de violação?
- (c) Por que uma das consequências da queda é tida como “dupla ferida de morte” ao ser humano?
- (d) Como ocorre a regeneração? E a redenção?

### 5-17. ESTUDO INDUTIVO

1. De acordo com a exposição, assinale com “V” ou “F”, conforme as sentenças sejam, respectivamente, verdadeiras ou falsas.
- (a) ( ) Os decretos de Deus se adaptam à vontade do homem.
- (b) ( ) As ações do homem precisam ser totalmente livres para que, sobre ele, haja qualquer tipo de responsabilidade.
- (c) ( ) Todo ser humano é morto espiritualmente diante de Deus.
- (d) ( ) O pacto da graça é aperfeiçoado em relação ao das obras.
- (e) ( ) Adão e Eva relativizaram a palavra de ordem de Deus e, por isso, caíram em pecado.
- (f) ( ) Obras de caridade justificam a pessoa, a ponto de fazerem-na participante da graça divina.

### 5-18. LEITURA BÍBLICA OBRIGATÓRIA

Até aqui você já obteve o hábito da leitura bíblica diária, que precisa ser mantido para o pleno êxito do programa. Procure estabelecer os vínculos entre o que você aprende por este programa e a leitura diária, fazendo as correspondentes anotações. Isso será de grande proveito.

**CONTINUA NO MANUAL DE APOIO A-6**

# MILITAR CRISTÃO

<http://www.militarcristao.com.br>

Especificamente, a finalidade dessa página é:

- I. “Prover conteúdo relevante e adequado ao usuário final, qual seja, militar das Forças Armadas ou Auxiliares do Brasil, cristãos evangélicos ou não;
- II. Promover integração entre os militares cristãos de todo o Brasil, com possibilidades de se reunir irmãos que não se veem há muito tempo;
- III. Auxiliar nos cultos e reuniões evangélicas, promovidos pelas associações militares nos quartéis, provendo material, como estudos bíblicos, além de discutir ideias para o aperfeiçoamento desse trabalho;
- IV. Fortalecimento e difusão da fé militar, respeitadas a hierarquia e a disciplina”. (NGA 001/2006, art. 4º).

Agora, ponderando, considere os seguintes fatos:

- A extensão do nosso efetivo, bastante considerável;
- O fato de o militar ser, por muitas vezes, o braço do Estado onde nem o Estado vai, sobretudo em áreas de fronteira;
- As diversas movimentações que ele sofre ao longo da carreira;
- O contato diário com pessoas dos mais diversos rincões do País;
- A possibilidade de atuar junto a outras nações, com seu exemplo, nas missões de paz;
- No caso específico das Forças Auxiliares, o contato mais próximo e diário com a população, em situações de tensão e perigo;
- As dificuldades inerentes à carreira, como exposição diária ao perigo (inclusive de perder a vida), de se formar um patrimônio familiar, a instabilidade de relações pessoais duradouras por conta das movimentações, o prejuízo na educação dos filhos e na área profissional do cônjuge;
- O preparo e o emprego da força militar, em situações extremas;
- O elogio que a Bíblia dá ao compromisso, benevolência e fé de militares, como o centurião Cornélio;
- As imensas e evidentes semelhanças entre a vida cristã e a militar.

Diante desses fatores, nota-se o quanto o povo de Deus tem negligenciado o enorme potencial de atuação do evangélico militar. Quando limitamos nossa área de atuação ao louvor e à EBD, não percebemos que, à nossa volta, pode estar alguém que será um homem de Deus a frente de uma batalha, quem levará até as últimas consequências seu compromisso com Deus e com a nação brasileira. Um aluno de um curso de formação hoje pode ser o Marechal, Almirante ou o Brigadeiro amanhã. E ao menos que a Bíblia esteja equivocada (falo como homem), nação se voltará contra nação. O que será do homem da caserna? Quem irá até aquele povo? Quem os ajudará?

A resposta pode estar dentre os civis, que até hoje não descobriram essa missão dada pelo Senhor, ou especialmente dentre o próprio pessoal militar, que ainda encara sua incorporação como uma mera profissão, sem considerar o caráter de missão que ele tem, como integrante das Forças Armadas ou Auxiliares.

Esta é a nossa visão, que compartilhamos todos os dias com você, seja por meio de estudos, artigos, informações, bizus ou, inclusive, por entretenimento nos momentos de folga.

Este é o **Militar Cristão**.

## PREZADO LEITOR

Todo auxílio é bem vindo a este ministério, bem como o aperfeiçoamento destes Manuais. Caso tenha alguma sugestão, dúvida, comentário, crítica ou contribuição a dar ao nosso trabalho, encaminhe-os para nós através do sítio **Militar Cristão**, seção **Contato**, ou diretamente ao webmaster pelo endereço eletrônico *webmaster@militarcristao.com.br*. Sua mensagem será analisada e poderá constar de futuras edições. Caso queira também contribuir com textos inéditos, seja de instrução para os grupos militares evangélicos, testemunho pessoal ou doutrina cristã, utilize-se dos mesmos modos de contato já mencionados. Os critérios de publicação estão na seção **Estrutura**. Que Deus te abençoe.

# MILITAR CRISTÃO

**Militar Cristão. Edificando na caserna.**

Conheça os outros manuais da Biblioteca Militar Cristão através do sítio da Internet <http://tinyurl.com/bibliomc>.

## AVISO – POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS



Obra licenciada pela Creative Commons ®: "Atribuição – Uso Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional", disponível em [http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR).

Os infratores estão sujeitos às penalidades cabíveis pela Lei de Direitos Autorais (Lei n.º 9.610, de 19/02/1998), Lei n.º 9.279/1996 e pelo art. 184 do Código Penal Brasileiro (Decreto-Lei nº 2.848, de 07/12/1940), sem prejuízo de eventual ação cível de indenização.

Aviso conforme Anexo I à NGA 009/2013, alterada pela NCA 014/2014

Editor responsável: Cleber Olympio

© 2003-2014 Cleber Olympio. Todos os direitos reservados.

Não traduzimos a opinião oficial das Forças Armadas ou Auxiliares do Brasil, nem a de instituições religiosas.



